

Licenciatura Plena em Pedagogia

U A P I

P

Módulo II

Psicologia da Educação e
Desenvolvimento Infantil

Didática Geral



Módulo II

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Ana Valéria Marque Fortes Lustosa

Apresentação

Este texto é destinado aos estudantes aprendizes que participam do programa de Educação a Distância da Universidade Aberta do Piauí (UAPI) vinculada ao consórcio formado pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Centro Federal de Ensino Tecnológico do Piauí (CEFET-PI), com apoio do Governo do Estado do Piauí, através da Secretaria de Educação.

A educação representa, desde os tempos mais remotos e, principalmente na atualidade, o recurso mais precioso que a sociedade tem, haja vista que tudo o que somos hoje, não apenas como indivíduos, mas como coletividade, como sociedade globalizada decorre dos infindáveis esforços feitos pelas gerações precedentes para educar as novas gerações. Frente a esse fato, faz-se relevante destacar que não haveria sociedade se não houvesse educação no significado mais amplo desse termo. Nesse sentido, o papel do professor é vital para a constituição desse processo. Não obstante tais considerações, não há como negar que a educação é um macro-fenômeno, ao qual somente se pode ter acesso a partir de uma perspectiva multidisciplinar. À psicologia da educação, assim como à sociologia da educação e à filosofia da educação, entre outras disciplinas, cabe a responsabilidade de contribuir para uma maior compreensão desse fenômeno.

Desse modo, a psicologia da educação constitui campo do conhecimento que historicamente vem atuando no sentido de subsidiar a prática educacional a partir dos conhecimentos produzidos não apenas no âmbito da escola, mas em outros contextos também, ou melhor, em todos os contextos nos quais o homem torna-se humano, como por exemplo, a família.

Os conhecimentos teóricos acerca dos processos de desenvolvimento e aprendizagem, base dessa disciplina, são considerados em relação estreita com o contexto sócio-histórico e a dinâmica existente entre indivíduo e sociedade.

O objetivo deste texto é possibilitar que você, leitor, apreenda as contribuições da psicologia da educação para a compreensão do ser humano e do processo ensino-aprendizagem, de forma a adotar em sua prática docente

uma postura crítica, reflexiva e comprometida. Para que isso ocorra é importante que você reflita sobre a importância da sua própria formação, pois o professor transmite conhecimentos, mas também valores e crenças, até mesmo de forma inconsciente.

Considera-se que muitos temas que serão trabalhados nesse livro, já sejam do seu conhecimento, pois se referem a como nós seres humanos somos, sentimos, agimos, desejamos, aprendemos e vivemos. Assim, uma constatação importante é que a psicologia é uma das ciências que mais se aproxima do conhecimento acerca do homem. Nesse sentido, o que se pretende no decorrer dessas páginas, à medida que você for lendo os capítulos desse livro, é que o seu conhecimento se torne sistemático, aprofundado e útil para a sua prática pedagógica.

A apropriação do conhecimento exige do sujeito que ele não apenas leia o que lhe é sugerido, mas discuta, questione-se, procure novas fontes de pesquisa e, sobretudo, que atue sobre o conteúdo, ou seja, pratique-o. Por essa razão, é vital que você participe dos chats, envie suas dúvidas, comente o que aprendeu, aprofunde o conhecimento a partir dos textos sugeridos e faça os exercícios indicados.

O texto está organizado em seis unidades, dispostas em capítulos, os quais apresentam os diferentes temas a serem estudados. Na primeira unidade, você estudará como se deu a evolução histórica da psicologia, desde o momento em que esta existia apenas nas indagações filosóficas que diferentes pensadores desenvolveram ao longo da história da humanidade, até os nossos dias, quando se torna ciência. O processo de construção da ciência psicológica implicou uma diversidade de abordagens teórico-metodológicas, decorrentes, sobretudo, das diferentes visões de homem, de mundo e de sociedade existentes. Você perceberá também a importância da psicologia para as práticas sociais, em particular para as pedagógicas.

Na segunda unidade, você conhecerá as peculiaridades da constituição da psicologia no Brasil, conhecendo a sua evolução histórica e as tendências que terminaram por influenciar a educação brasileira.

A terceira unidade aborda a subjetividade, objeto de estudo da psicologia e que a diferencia das demais ciências

humanas, assim como compreenderá os processos básicos de constituição do psiquismo e os processos que mediam essa constituição.

Na quarta unidade, você estudará o processo de desenvolvimento humano e suas implicações para a educação, de modo a apreender as concepções existentes, seu conceito, os princípios que o regulamentam e suas principais fases, a partir do olhar de teóricos como Freud, Erik Erikson, Piaget e Wallon.

A quinta unidade retomará a questão do desenvolvimento, acrescida com a discussão referente às relações que este tem com o processo de aprendizagem, o qual será estudado em suas dimensões individual e social, assim como as diferenças e semelhanças existentes entre aprendizagem escolar e instrucional.

Por último, a sexta unidade apresentará a proposta socioconstrutivista de aprendizagem, com as conseqüentes influências para diversas áreas do conhecimento.

É importante destacar que o seu envolvimento com a disciplina é fundamental para o bom aproveitamento desta e, conseqüentemente, para a sua formação como educador. Assim, só nos resta desejar um excelente aprendizado. Boa leitura!

SUMÁRIO

UNIDADE 1: A evolução histórica da Psicologia	9
1.1 – A história da psicologia	9
1.1.1 – O conhecimento psicológico na Antiguidade	11
1.1.2 – O conhecimento psicológico na Idade Média.....	12
1.1.3 – O conhecimento psicológico no Renascimento.....	14
1.2 – O surgimento da Psicologia como ciência – Origens.....	15
1.2.1 – Estruturalismo	17
1.2.2. – Funcionalismo.....	17
1.3 – As principais escolas psicológicas da atualidade.....	18
1.3.1 – Behaviorismo	18
1.3.2. – Gestalt	22
1.3.3. Psicanálise	27
UNIDADE 2: A Psicologia da Educação no Brasil	34
2.1 – A evolução histórica da Psicologia da Educação	34
2.1.1 – Influências antecedentes: a instituição da Psicologia da Educação no mundo	34
2.1.2 – História da Psicologia da Educação no Brasil.....	37
2.2 – Tendências teóricas que influenciaram a educação brasileira	40
2.3. A Psicologia da Educação hoje	42
UNIDADE 3: A Constituição da Subjetividade	46
3.1 – A subjetividade como objeto de estudo da Psicologia.....	47
3.2 – Processos básicos da constituição do psiquismo: Atividade, Consciência e Identidade.....	49
3.2.1 Atividade.....	51
3.2.3. Consciência.....	53
3.2.2. Identidade	54
3.3 – Processos mediadores na constituição do psiquismo: linguagem e emoções. 57	
3.3.1 Linguagem	57
3.3.2 Emoções	60
UNIDADE 4: Desenvolvimento humano e as implicações para a educação	66
4.1 – O processo de desenvolvimento humano	66
4.2 – Concepções do desenvolvimento humano.....	66
4.3 – Fatores do desenvolvimento humano	69
4.3.1 – Hereditariedade e Meio	70
4.3.2 Maturação e Aprendizagem	72
4.3.4 – Princípios do desenvolvimento	73
4.4 – Teorias do desenvolvimento humano.....	76
4.4.1. – Teoria Psicosssexual de Sigmund Freud.....	76
4.4.2 – Teoria psicossocial de Erik Erikson	81
4.4.3 Teoria do Desenvolvimento cognitivo de Jean.....	85
UNIDADE 5: Desenvolvimento e Aprendizagem	108
5.1. Conceituação e caracterização da Aprendizagem.....	110
5.2. Dimensões individual e social da aprendizagem	112
5.3. Proposta construtivista de aprendizagem.....	112

Unidade 1

A evolução histórica da Psicologia

Resumo

Essa unidade apresenta a evolução histórica da psicologia, enfocando os antecedentes históricos e filosóficos de sua constituição como ciência. Além disso, apresenta as escolas que estão na origem do seu surgimento, assim como as principais escolas da atualidade. Compreender essa evolução é fundamental para seu aproveitamento da disciplina, pois nenhum campo do conhecimento pode prescindir de estudar suas raízes, tendo em vista que não há conhecimento que não esteja vinculado a uma determinada sociedade, aos seus costumes e tradições e, igualmente, aos fatores econômicos. Para atingir esse objetivo, esta unidade está dividida em tópicos que mostram de forma clara o processo de constituição da psicologia como ciência e sua importância para a formação e prática pedagógica.

SUMÁRIO

UNIDADE 1: A evolução histórica da Psicologia	9
1.1 – A história da psicologia	9
1.1.1 – O conhecimento psicológico na Antiguidade	11
1.1.2 – O conhecimento psicológico na Idade Média	12
1.1.3 – O conhecimento psicológico no Renascimento	14
1.2 – O surgimento da Psicologia como ciência – Origens.....	15
1.2.1 Estruturalismo	17
1.2.2. Funcionalismo	17
1.3 – As principais escolas psicológicas da atualidade	18
1.3.1. Behaviorismo.....	18
1.3.2. Gestalt.....	22
1.3.3. Psicanálise	27

UNIDADE 1: A evolução histórica da Psicologia

1.1 – A história da psicologia

Para compreendermos a evolução de qualquer ciência, faz-se necessário conhecer sua história, pois nenhuma ciência nasce pronta, mas sim é resultado da construção por diferentes indivíduos que, no decorrer do tempo, deram suas contribuições para um maior entendimento das questões emergentes no seu tempo. Nesse sentido, podemos afirmar que a história da psicologia tem um longo período, aproximadamente dois mil anos.

No decorrer da história, a psicologia foi sendo construída em função das exigências de cada momento histórico; momento este relacionado com as necessidades de conhecimento da humanidade, com os desafios e limites existentes, assim como em decorrência dos questionamentos incessantes que o homem fez acerca de si mesmo. Somente tendo acesso a essa história é que podemos entender como a psicologia se apresenta atualmente.

Ao iniciarmos esse percurso, é interessante observar que o homem, ao contrário do que se poderia imaginar, desenvolveu primeiro as ciências que diziam respeito a temas que estavam mais distantes do autoconhecimento, como a astronomia, por exemplo, e só depois, voltou o seu olhar para si mesmo.

Do mesmo modo, é possível afirmar ainda que a psicologia é uma das disciplinas mais antigas e, ao mesmo tempo, uma das mais modernas, como apontam Schultz e Schultz (2005), o que constitui um paradoxo, pois é somente a partir do século V a.C, com os filósofos gregos, em particular Sócrates e Platão, que se pode encontrar uma sistematização acerca de temas que intrigam os psicólogos até hoje, tais como a memória, a motivação e a aprendizagem.

Antes de abordarmos esse período, contudo, é importante destacar que entre os povos primitivos uma experiência subjetiva que podemos encontrar é a idéia de alma, decorrente dos sonhos vivenciados e da experiência com a morte. A concepção de alma, contudo, não pode ser considerada naquele período como espiritualista, pois para eles esta possuía natureza material e não espiritual. É o que se pode constatar na forma como eram tratados os mortos, os

quais eram enterrados em posição fetal, acompanhados de suas armas, vestimentas e de alimentos, indícios da crença em outra vida, na qual eles precisariam utilizar esses elementos.

Essa concepção apresenta sinais de mudança no início da Antiguidade. Entre os pré-socráticos predominava o interesse pela descoberta da substância (*phúsis*) que dera origem ao universo, (fogo, água, terra ou ar), ao passo que a natureza humana ficava em segundo plano. Para eles a alma era apenas um dos elementos que fazia parte da mesma substância que dera origem a todas as coisas e à qual todas elas retornavam. Em outras palavras, a alma não existia ainda como concepção espiritualista, logo “não era espiritual nem imortal, tendo apenas uma composição mais sutil e podendo sobreviver por algum tempo”. (PENNA, 1981, p. 54). A idéia de alma não se apresentava para os pré-socráticos (anteriores a Sócrates ou cosmologistas), mas existia na religião. Na filosofia coube a Pitágoras introduzir a concepção de alma e, posteriormente, a Sócrates.

De certo modo, havia uma nítida divisão entre os filósofos no que diz respeito à forma como concebiam a relação

existente entre o homem e o mundo, com base na percepção. A grande questão que se punha era se o homem vê um mundo que já existe ou o mundo existe porque o homem é capaz de vê-lo. Essa discussão deu origem a duas correntes de pensamento, os **idealistas**, para quem a idéia dá origem ao mundo e os **materialistas**, que consideravam que a matéria de que é feita o mundo já existe e por essa razão é percebida pelo homem.

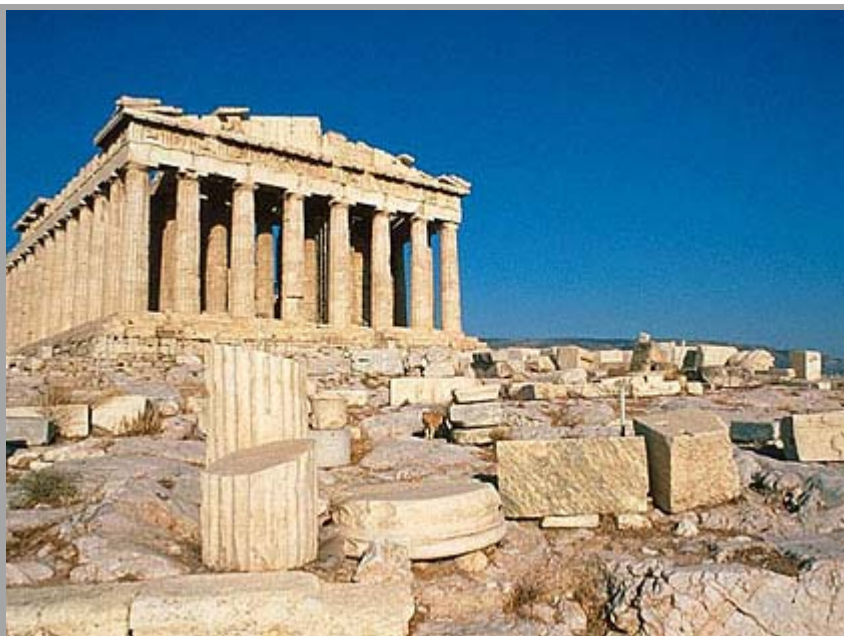


Fig. 1 –Panteon

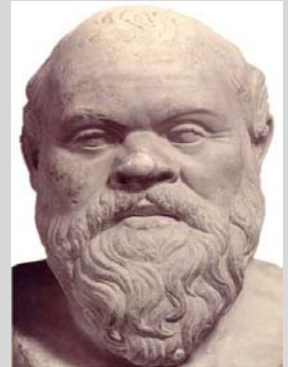
1.1.1 – O conhecimento psicológico na Antiguidade

Você deve estar se perguntando por que estamos discutindo o conceito de alma, qual é de fato sua importância para a história da psicologia. O que podemos afirmar é que foi a partir dele que a psicologia evoluiu através dos tempos, em especial, até a Idade Média.

Na Antiguidade, até o domínio do Império Romano, os gregos eram o povo que apresentava o maior desenvolvimento em todos os domínios do saber humano. Foram eles que criaram as primeiras cidades-estados (*pólis*), independentes entre si e com características próprias, assim como criaram o governo democrático. A imensa riqueza obtida através da conquista de outros povos permitiu que os gregos se dedicassem à busca de soluções para os problemas que surgiam na organização social, na agricultura e na arquitetura. Foi justamente em decorrência das necessidades que se manifestavam que os gregos produziram uma civilização avançada em distintas áreas do conhecimento, tais como na Geometria e na Física.

A cultura grega se consolida com esse progresso, pois fomenta a Filosofia e a arte, possibilitando que os filósofos gregos empreendessem a primeira tentativa de sistematizar uma teoria acerca da alma, melhor dizendo da psicologia. A origem etimológica do termo psicologia é, portanto, grega, em que *psyché* significa alma, e *logos* significa estudo. Nesse sentido, psicologia significa “estudo da alma”.

Como afirmamos anteriormente, somente a partir de **Sócrates** (469-399 a.C.), a alma passa a ser considerada como a parte imaterial do homem, sendo vista então como a sede do pensamento, dos sentimentos, da percepção e da sensação. Para esse filósofo era importante diferenciar o homem dos animais, o que ele faz ao afirmar que os últimos não tinham a razão, característica essencialmente humana que possibilitava que o homem tivesse domínio sobre os instintos, diferentemente dos animais. Essa primeira constatação se tornaria a base de várias escolas psicológicas posteriores.



Sócrates
<http://w3.uaig.pt/~lnunes/Pessoal/Disciplinas/IntEngAmb.htm>



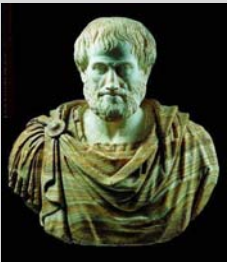
Platão

http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_26/proporcao.html

Platão (427-347 a. C) reconstituiu a obra de Sócrates, respeito ao pensamento psicológico desse filósofo, é possível encontrar indícios em vários diálogos escritos por ele, tais como: *A República, Fédon, Fedro, Mênon* etc. Nestes, Platão discute a imortalidade e natureza da alma, a linguagem, os processos mentais entre outros temas.

Acompanhando o raciocínio de Sócrates, Platão buscou explicitar onde era a sede da razão no corpo humano, chegando à conclusão de que esta ficava na cabeça, local que seria também a sede da alma, a qual ficaria ligada ao corpo pela medula. Para Platão, a alma era separada do corpo, tendo natureza imortal. A morte somente fazia desaparecer o corpo (matéria), mas a alma podia continuar livre, em movimento. Sua teoria pode ser denominada platônica.

Já para **Aristóteles** (384-322 a.C.), discípulo de Platão, a psicologia passa a ser vista como o estudo dos seres vivos. O primeiro tratado de psicologia *Da anima* foi sistematizado por ele. Diferentemente de Platão, Aristóteles concebia a alma indissolúvelmente ligada ao corpo. Para ele, não era apenas o homem que tinha alma, mas todos os seres vivos, embora houvesse distinção entre eles. No caso dos vegetais, a alma seria vegetativa, cuja função era a reprodução e a alimentação; nos animais, além da alma vegetativa, haveria também a alma sensitiva, que permitia que estes tivessem acesso à percepção e ao movimento e, por fim, o homem teria os dois tipos anteriores e além desses a alma racional, cuja função primordial era pensar. Em suma, para esse filósofo, a *psyché* estava presente em todos os seres vivos. É a denominada teoria aristotélica.



Aristóteles

<http://paginas.terra.com.br/arte/fisiklain/Aristoteles.htm>

1.1.2 – O conhecimento psicológico na Idade Média

O nascimento do Império Romano traz consigo uma nova perspectiva no âmbito psicológico, pois embora fosse originariamente politeísta, com deuses semelhantes aos dos gregos, mas com nomes diferentes, Roma cede ao forte apelo da religião cristã, que passa a ter influência sobre o império, até ser alçada ao topo como religião oficial pelo imperador Teodósio I (379-395 d. C.). Quando as invasões bárbaras (povos cujo idioma não era o latim) põem fim ao

império romano, o Cristianismo sobrevive e se perpetua com o início da Idade Média no século V.

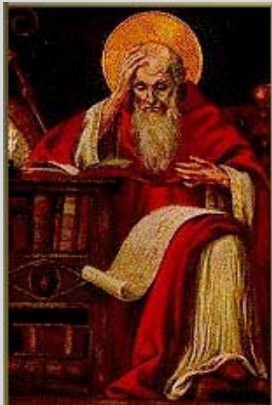
A Idade Média teve início na Europa no século V com a queda do Império Romano do Ocidente e termina com a queda do Império Romano do Oriente, mas especificamente a queda de Constantinopla no século XVI. Esse período é caracterizado por uma intensa hegemonia da Igreja, uma sociedade hierarquizada e sem mobilidade social nenhuma e por uma economia baseada na agricultura.

Durante um longo período, a Idade Média foi erroneamente considerada como obscurantista, chegando a ser denominada “era das trevas”, mas atualmente, compreende-se que se trata de uma época em que houve progresso científico, ainda que este estivesse sob o controle da Igreja Católica.

Diferentemente da Antiguidade, o pensamento era cerceado pela Igreja que só admitia o conhecimento revelado, ou seja, aquele proveniente das Escrituras, o que de certa forma impediu o avanço deste em menor tempo e numa escala mais ampla. O homem era visto como imagem e semelhança de Deus e, nesse sentido, não poderia ser estudado, por se tratar de sacrilégio. Da mesma forma, diferentes campos do conhecimento ficaram sob vigilância e é notório que essa instituição proibiu várias idéias novas também acerca do universo, como é o caso de Galileu, punido por propagar a tese defendida por Copérnico acerca do sistema heliocêntrico, segundo a qual o sol era o centro do Universo e a Terra girava ao seu redor.

No que diz respeito ao pensamento psicológico desse período, podemos considerá-lo a partir de dois teólogos cristãos, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Naquele período temas como a fé, a revelação, a criação e a salvação passam a ocupar o primeiro plano na ordem das preocupações acerca do homem. Compreende-se, pois, que cabia à igreja, enquanto detentora do saber, dos valores espirituais e





Santo Agostinho
geraldofreire.uol.com.br/santo_agostinho

morais, explicá-los e esta o fez, dando origem a novas escolas de pensamento filosófico, a Escolástica e a Patrística.

A primeira escola, representada por **Santo Agostinho**, baseou-se na teoria platônica, apoiando a idéia de que alma e corpo são entidades diferentes e como tal, separadas. Para Santo Agostinho, a alma era a prova da existência de Deus, sua manifestação, e não apenas a sede da razão. Desse modo, a alma era concebida como imortal e elo de ligação com Deus.

Para São Tomás de Aquino retomou as idéias de Aristóteles, usando para explicar a relação do homem com Deus, os conceitos de essência e existência, considerando que o homem em sua essência busca a perfeição, a partir da sua existência e somente Deus era capaz de conectar esses dois aspectos, logo, conclui-se, o homem ao procurar a perfeição, na verdade está buscando a Deus. As idéias descritas acima surgiram como justificativa adotada pela igreja para explicar o relacionamento de deus com o homem, em um período em que o protestantismo, a adoção do capitalismo, a revolução francesa e a revolução industrial criavam novas formas de ser e de se perceber no mundo, provocando uma ruptura com o Catolicismo. Conclui-se que o que estava em jogo naquele tempo era a busca por uma harmonia entre razão e fé.

1.1.3 – O conhecimento psicológico no Renascimento

O Renascimento representou um tempo de profundas transformações na Europa, em virtude das grandes navegações que permitiram o acúmulo de riquezas, da transição para o capitalismo e da reestruturação da sociedade, que se liberta da rígida hierarquização da Idade Média, que impossibilitava a mobilização social, pois o homem, desde o nascimento, tinha seu lugar no mundo e este não sofria nenhuma alteração.

Durante esse período, houve um progresso admirável em todas as áreas, desde as ciências até as artes. E é justamente nesse momento propício que tem início a sistematização do conhecimento científico.

Descartes (1596-1659) apresenta admiráveis contribuições para esse progresso. No campo psicológico seu grande mérito foi ter esclarecido a relação mente-corpo, divergindo das posições tradicionais que consideravam haver uma influência unilateral da mente sobre o corpo, propôs que a relação existente era de interação mútua. Estava criado o **dualismo psicofísico**, ou seja, física/psicológica, no qual o conceito de alma já não fazia sentido, mas sim o da mente e o seu funcionamento. Para ele, isso significava que o homem sem alma não passava de uma máquina. Essa compreensão possibilitou o estudo do corpo humano, a partir da anatomia, fato que era impensável na Idade Média.

A concepção do homem como máquina era decorrente do **mecanicismo** (imagem do universo como uma máquina), que dominou esse período e do qual a representação mais apropriada era o relógio.

1.2 – O surgimento da Psicologia como ciência – Origens

O século XIX desponta com grande vigor, trazendo consigo novas exigências científicas, reorganização da sociedade e uma nova ordem econômica, que colocaram em movimento o universo, minando o que ainda havia da era medieval.

O conhecimento deixa de ser fruto da revelação e das figuras de autoridade, consideradas anteriormente como fonte única da verdade, passando a ser visto como produto da razão humana. O homem deixa de ser o centro do universo para tornar-se livre, sem os limites impostos pela Igreja, que passou a ter seus dogmas questionados, aliás, desde a Reforma Protestante, que possibilitou que o homem estabelecesse uma relação direta com Deus, sem intermediários.

Em função dos interesses da burguesia, era fundamental que o homem se tornasse livre, pois assim esta também seria beneficiada. De igual modo, questionava-se o universo e a Natureza, tendo em vista a necessidade de transformar ao primeiro e de explorar a matéria-prima do segundo.

Diante de tais condições, vê-se crescer a ciência moderna, a qual primava pelo rigor, objetividade e neutralidade.

Surge o Positivismo de Auguste Comte, que propunha como modelo para as ciências humanas, a Física. Nesse contexto, os fenômenos psicológicos deixam de ser objeto da Filosofia e passam a ser investigados pela Fisiologia, a Neurofisiologia, a Neuroanatomia e a Psicofísica. São essas ciências que permitirão que se desenvolvam as teorias acerca do sistema nervoso, como centro de excelência para o estudo dos sentimentos, do pensamento e da percepção.

Nesse contexto, a Alemanha era o país que reunia as principais condições para o desenvolvimento da Psicologia, tais como: a) um maior desenvolvimento da fisiologia; b) a concepção de ciência entre os alemães era muito mais ampla do que na França e na Inglaterra, envolvendo não apenas a química e a física, mas também a lingüística, a fonética, a história, a crítica literária, a arqueologia, a estética e a lógica; c) havia um maior número de universidades, consequentemente também mais laboratórios nos quais era possível investigar a mente, o que não era aceito por outros povos que a viam como um objeto muito complexo; d) as oportunidades para aprender e praticar novas técnicas científicas também eram maiores na Alemanha.



Wundt

<http://www.psych.u-penn.edu/history/wundt.jpg>

Esse clima intelectual (*Zeitgeist*) da época foi, portanto, a base para a criação em 1879 do primeiro laboratório experimental de Psicologia por Wilhelm **Wundt** (1832-1926), considerado o fundador dessa ciência. Eis o marco do surgimento da Psicologia moderna, então desvinculada da Filosofia.

Para se tornar uma ciência propriamente dita, a nascente Psicologia precisava adequar-se aos parâmetros propostos por Comte, quais sejam: definir seu objeto de estudo, estabelecer os métodos para estudá-lo, definir seu campo, de modo a distingui-lo de outras áreas do conhecimento e criar teorias capazes de explicar os fenômenos estudados. Eram requisitos essenciais também a neutralidade científica, a objetividade, a comprovação do conhecimento obtido e a possibilidade de que este fosse cumulativo, de modo que fosse passível de verificação e de replicação (novos experimentos deveriam obter os mesmos resultados).

Com a criação do Laboratório em Leipzig (Alemanha), Wundt passou a receber inúmeros discípulos ansiosos por envolverem-se na nova ciência, entre eles muitos americanos. Assim, após formados, estes voltavam a seus países de

origem ou se estabeleciam em outros e foi em função desse fato que Edward Titchener, inglês radicado nos Estados Unidos, mais precisamente na Universidade Cornell em Nova York, fundou, naquele país, a primeira escola psicológica, o Estruturalismo.

Antes de nos determos sob esse fato, faz-se necessário alguns esclarecimentos. Em primeiro lugar, quando Titchener retorna aos Estados Unidos, declara estar traduzindo as idéias de Wundt, quando de fato, proclamava as suas próprias, de modo a dar credibilidade a essas por se tratarem das “idéias do fundador da Psicologia”.

1.2.1 – Estruturalismo

O objeto de estudo da Psicologia definido por Wundt e posteriormente, também por **Titchener** foi a consciência, melhor dizendo os elementos que a compõem, sua estrutura. Para tal, definiu como método de estudo a introspecção (processo de auto-observação) realizada em laboratório e que, no caso de Titchener, deveria ser realizada por observadores treinados, adultos com pleno domínio de suas faculdades psíquicas, os quais deveriam relatar suas experiências.



Titchener

[http://psicologiaceu
ma.blogspot.com/200
7/07/edward-
bradford-
titchener.html](http://psicologiaceu.ma.blogspot.com/2007/07/edward-bradford-titchener.html)

1.2.2. – Funcionalismo

Essa escola também se desenvolve nos Estados Unidos, mas surge em franca oposição ao Estruturalismo e apresenta-se mais adequada ao espírito pragmático dos americanos, para quem era inconcebível uma ciência pura sem aplicabilidade. Aliado a isso, não havia naquela época no país tantos laboratórios que pudessem atender ao número crescente de psicólogos que se formavam e, além disso, estes se viram quase que coagidos a produzir conhecimento que pudesse garantir sua sobrevivência.

Nesse sentido, embora tivesse como objeto de estudo a consciência, os funcionalistas pretendiam verificar como esta atua para adaptar o homem ao meio, ou seja, interes-



William James

[www.nndb.com/.../
william-james-3-
sized.jpg](http://www.nndb.com/.../william-james-3-sized.jpg)

sava-lhes estudar as funções da consciência, ou seja, o que os homens fazem e por que o fazem. Seu principal representante foi **William James**.

O Funcionalismo adotava como métodos, além da introspecção, a análise comparativa entre diferentes populações: crianças normais e crianças com deficiência, povos primitivos e pessoas com distúrbios psiquiátricos, e, experiências com animais.

Foi nesse período, sob a influência do funcionalismo que surgiram a Psicologia Forense, a Psicologia Clínica, a Psicologia Educacional, entre outras, todas com interesse na aplicabilidade do conhecimento psicológico.

Essas duas escolas já não existem na Psicologia, mas foram de extrema importância para a constituição dessa ciência. No próximo tópico, iremos conhecer um pouco algumas escolas mais importantes na atualidade.

1.3 – As principais escolas psicológicas da atualidade

Um aspecto importante a se destacar nessa nova etapa do nosso percurso é o fato de que todas as escolas da Psicologia nasceram e se fortaleceram a partir da oposição às escolas anteriores, como vimos no caso do Estruturalismo e do Funcionalismo, ou também em função das contribuições destas. Outro ponto diz respeito ao fato de que embora as escolas sejam apresentadas seguindo certa ordem, isso se dá de forma didática, pois, de fato, há casos em que o surgimento e duração das escolas coexistem no tempo. Essas constatações se aplicam às escolas sobre as quais iremos conversar a partir desse tópico.



Watson

<http://estudopsicologia.blogspot.com/2007/11/educao-tema-1.html>

1.3.1 – Behaviorismo

Essa escola surge em 1913, a partir da crítica de seu fundador John B. **Watson** às duas escolas antecedentes, em artigo intitulado: “Psicologia: como os behavioristas a vêem”. Tratava-se de um rompimento sem precedentes na história da Psicologia, pois Watson rejeitava tudo o que ha-

via sido produzido anteriormente, afirmando que não havia consciência, mente, imagem, enfim, todos os conceitos mentalistas. Ele afirmava que a consciência não podia e nunca havia sido cheirada, tocada, sentida, movida ou provada.

O termo *behavior* significa comportamento, por essa razão, a escola tem sido conhecida pelas seguintes terminologias: Comportamentalismo, Condutismo, Análise do Comportamento, Teoria Comportamental e Análise Experimental do Comportamento. É também conhecida como a abordagem do S-R, em que “s” significa estímulo e “r” resposta.

O que Watson pretendia era estudar de forma o mais objetiva possível o comportamento, sendo este seu objeto de estudo. Para tal, adotou como métodos a observação com e sem o uso de instrumentos, o relato verbal, o reflexo condicionado, os métodos de teste e a experiência com animais.

A observação era a base dos outros métodos e é também claramente compreendida. No que diz respeito ao relato verbal, embora Watson fosse fortemente contrário à introspecção por não haver concordância entre os sujeitos treinados para realizá-la, não podia deixar de levar em conta os avanços alcançados pela psicofísica com esse método. Assim, considerando também que não podia aceitar o que não fosse passível de observação, encontrou a solução para esse impasse ao afirmar que ao falar o homem estava se comportando, mesmo quando falava para si mesmo, logo era um fato objetivo que podia ser mensurado. Por outro lado, restringiu o uso desse método, impedindo sua utilização em situações que envolviam relatos sobre estados de ânimo e pensamentos sem imagens.

O método mais importante naquele período, contudo, era o método do reflexo condicionado, adotado dois anos após o início formal do comportamentalismo. Este procedimento envolve o **comportamento reflexo ou respondente**, definido como toda e qualquer resposta involuntária frente a algum estímulo do ambiente, como por exemplo, a contração da pupila diante de uma luz forte, as lágrimas quando cortamos uma cebola. Essas respostas independem da aprendizagem, mas podem ser emitidas frente a estímulos que anteriormente não as produziam.

Vejamos como esse processo pode ocorrer, conhecendo como este procedimento foi descoberto por Pavlov, psicólogo russo. Inicialmente, esse teórico observou que o cão com o qual trabalhava salivava diante da comida, mas também o fazia quando via a pessoa que o alimentava ou até mesmo quando ouvia seus passos. Tratava-se, portanto de uma resposta que era involuntária. Para comprovar suas observações, Pavlov passou a utilizar uma campainha momentos antes de a pessoa alimentar o cão e, após várias apresentações simultâneas desse estímulo incondicionado, observou que bastava tocar a campainha para que o cão salivasse. Tal fato transformou esse estímulo em estímulo condicionado.



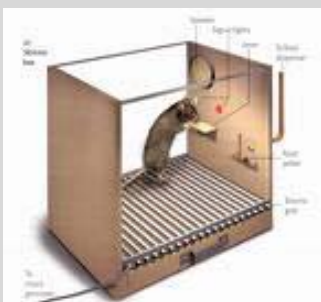
Skinner

<http://www.algoso-bre.com.br/biografias/burrhus-frederic-skinner.html>

Sucedendo Watson, B.F. **Skinner** (1904-1990), foi o behaviorista que mais se destacou, principalmente pela teorização acerca do **comportamento operante**. Skinner denominou seu sistema de Behaviorismo Radical, tendo influenciado inúmeras gerações de psicólogos.

O comportamento operante é voluntário, intencional, diferentemente do respondente, pois neste o sujeito atua sobre o mundo e essa ação tem um resultado. É essa ação que possibilita a aprendizagem. A partir de seus estudos, Skinner criou vários conceitos, os quais serão apresentados a seguir.

Skinner, assim como Watson, utilizou animais em seus experimentos a fim de descobrir possíveis reações que pudessem ser aplicadas aos seres humanos. Para tal, criou a “caixa de Skinner”, com a qual realizou diversas experiências, em particular com ratos.



Caixa de Skinner

<http://dragoscopio.blogspot.com/2008/01/esfolando-o-skinner.html>

O procedimento adotado consistia em privar o rato de água para que ele desenvolvesse motivação para atuar sobre o meio (caixa). Desse modo, ao ser colocado na caixa, o rato passava a explorá-la e, assim fazendo, em um determinado momento pressionava a barra que lá existia, o que liberava uma gotinha de água. Depois de algum tempo, estava estabelecida a associação, de modo que para beber, ele precisava trabalhar. Essa relação pode ser descrita da seguinte forma: $R \rightarrow S$, em que R é a resposta (pressionar a barra) e S o estímulo reforçador (a água). Esse estímulo é denominado, portanto, de estímulo reforçador.

Eis o primeiro conceito importante a ser discutido. **Reforço** pode ser definido como toda consequência que, seguindo uma resposta, modifica a probabilidade de sua ocorrência futura. O reforço pode ser de dois tipos: positivo (todo evento que aumenta probabilidade de repetição futura do comportamento) e negativo (todo evento que aumenta a probabilidade de emissão de uma resposta que remova o estímulo ou que o atenua).

O reforço pode ser também **primário**, como a água, carinho e alimentos, os quais são vitais para todas as espécies e, **secundários**, que são assim denominados por terem sido associados com os reforços primários diversas vezes, dos quais são exemplos o dinheiro e a aprovação social.

Skinner comprovou que se desejamos que um comportamento se repita devemos reforçá-lo imediatamente após sua ocorrência, como por exemplo, se quisermos que nossos filhos estudem, devemos reforçá-los com elogios, com carinho etc. Por outro lado, se queremos que um comportamento deixe de ocorrer, devemos deixar de reforçá-lo. Um exemplo bastante esclarecedor é o caso da birra. Se cada vez que a criança quiser uma coisa, nós dermos a ela, a tendência é que esse comportamento se estabeleça. Para removê-lo faz-se necessário que adotemos um procedimento no qual o comportamento deixa de ser reforçado. A esse procedimento, Skinner denominou **extinção**. No caso da criança que faz birra, em um primeiro momento, sua tendência é aumentar o comportamento, mas os pais devem ser firmes e não dar o reforço, que depois de uma ou duas crises intensas de birra, será extinto.

Outro procedimento apresentado por Skinner foi a **punição**, que implica na remoção de um estímulo considerado positivo ou na apresentação de um estímulo aversivo. Em função de diferentes estudos, comprovou-se que esse procedimento não é tão eficaz quanto o anterior, pois para ser efetiva, a punição tem que ser muito intensa e, na maioria das vezes, não tem efeito duradouro, pois só contempla a ação, mas não a motivação que levou ao comportamento, que pode voltar a ser emitido em outro momento.

O behaviorismo contribuiu imensamente e, ainda o faz, com a modificação do comportamento a partir do reforço, sendo amplamente utilizado em escolas, presídios, hospitais e na prática clínica, de modo a promover a adoção de com-

Um exemplo de reforço negativo consistia em aplicar choques ao invés de dar água, assim o ratinho tocava a barra para eliminar os choques que recebia.

Comportamento é considerado atualmente como uma interação entre o indivíduo e o meio, e não mais como uma ação isolada.

portamentos desejáveis. Não obstante tal constatação há também inúmeras críticas a essa escola, pois sua visão de homem é a de um sujeito passivo, que se resume a estímulos e respostas.

O behaviorismo teve várias implicações para a educação, tais como: a relevância do ambiente para a compreensão do processo de ensino-aprendizagem; o papel do reforço (elogios, prêmios e notas) na aprendizagem, tornando realidade o planejamento deste; a comprovação de que é possível mensurar o comportamento humano e, conseqüentemente, os fenômenos comportamentais, em especial, os educacionais; a definição de aprendizagem como modificação do comportamento.

Além disso, a partir das contribuições de Skinner, passou-se a estruturar o assunto de forma seqüenciada e com graus diferentes de dificuldade, ou seja, do mais fácil para o mais difícil, assim como ressaltou a necessidade de delimitar claramente os objetivos educacionais. É nesse período também que a tecnologia passa a exercer importante função como elemento motivador e de controle do comportamento humano.

1.3.2. – Gestalt

Gestalt é uma palavra alemã que não tem correspondência no nosso idioma, por essa razão, costuma ser traduzida como **forma** ou **configuração**, mas estes não expressam o real significado desse termo.

A Gestalt é considerada atualmente uma das forças da psicologia por se tratar de uma escola consistente e coerente em termos teóricos e metodológicos.

Seu início se dá simultaneamente ao movimento desenvolvido por Watson nos Estados Unidos, só que na Alemanha e consistia em um ataque violento a posição de Wundt, em especial, à sua compreensão dos elementos sensoriais, vistos como partes que eram somadas. Naquela época a Psicanálise já completava uma década. É nesse cenário que **Max Wertheimer** (1880-1941), juntamente com **Wolfgang Köhler** (1887-1967) e **Kurt Koffka** (1886-1941) fundam essa escola.

O que é interessante é que tanto a Gestalt quanto o Behaviorismo se opunham às idéias de Wundt, mas partiam de perspectivas inteiramente diferentes, pois enquanto a

Gestalt aceitava o conceito de consciência, o Behaviorismo o rejeitava em todos os sentidos. Tal fato provocou uma forte oposição entre essas duas escolas.

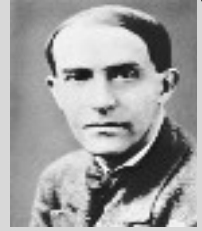
Inicialmente, o interesse dos gestaltistas era a percepção e a sensação do movimento, mas com o tempo, adotou o comportamento como seu real objeto de estudo. Eles começaram estudando a ilusão de ótica, ou seja, o estímulo que é percebido de forma diferente da qual ele tem na realidade. Um exemplo claro desse processo é o cinema, pois um filme se constitui de fato de imagens estáticas, mas temos a ilusão de movimento que é provocada pela pós-imagem retiniana, ou seja, pela imagem que demora a se desfazer em nossa retina. Assim, as imagens vão sendo adicionadas umas após as outras, dando-nos a sensação de movimento, quando de fato o que há são fotografias estáticas.

Para os gestaltistas, ao observarmos alguma coisa, o que vemos é o todo e não partes dele separadas, como Wundt preconizava. Nesse sentido, contrapunham-se também à concepção de comportamento proposta pelos behavioristas que consideravam que este deveria ser estudado a partir da relação estímulo-resposta, desconsiderando a consciência e enfatizando que se deveria isolar o estímulo e a resposta.

Desse modo, sua visão de como o comportamento deveria ser estudado era absolutamente distinta, pois acreditavam que este é compreendido de forma global, levando-se em consideração o contexto no qual este estava inserido e, portanto, as condições que poderiam alterar a percepção deste.

Em 1923, Wertheimer apresentou os princípios da percepção, que segundo ele permitiam a organização perceptual, a qual ocorre de forma instantânea, não requerendo aprendizado para tal.

Os seguintes princípios foram definidos:



Koffka

<http://original.britannica.com/eb/art-12410/Kurt-Koffka-1928>



Wertheimer

<http://allpsych.com/biographies/wertheimer.html>

- 1) **Semelhança** – As partes tendem a ser vistas juntas, formando um grupo. Na figura 1, observamos que os círculos e os pontos parecem juntos, e a tendência é perceber fileiras de círculos e de pontos em vez de colunas.

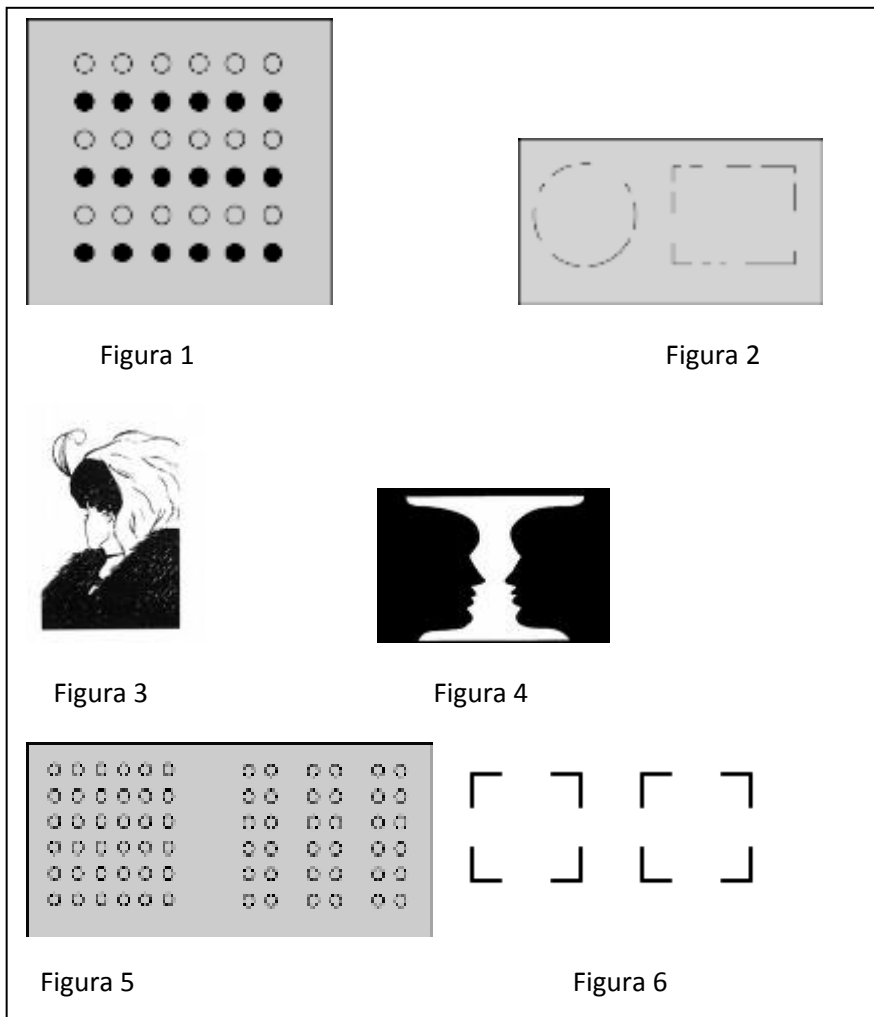
- 2) **Fechamento** – Há uma tendência em nossa percepção em completar as figuras incompletas. Na figura 2, é observamos um círculo e um quadrado, ainda que estes estejam incompletos.

- 3) **Figura/Fundo** – Há uma tendência de percebermos o objeto (figura) e também o fundo, os quais são reversíveis, pois em um momento um pode se tornar figura e, em momento posterior, fundo. É o que observamos nas figuras 3 e 4.

- 4) **Proximidade** – Os elementos bem próximos uns dos outros no tempo e no espaço tendem a ser vistos juntos. É o que ocorre na figura 5, na qual percebemos três colunas duplas e não apenas um conjunto como na figura ao lado.

- 5) **Continuidade** - Há uma tendência em nossa percepção de seguirmos uma direção de modo a conectar os elementos para que eles pareçam consecutivos em uma direção específica. É o caso da figura 1.

- 6) **Simplicidade** – Tendemos a perceber uma figura como tendo boa qualidade ou boa forma, simétrica, estável. É o exemplo da figura 6.



A partir da percepção, os gestaltistas buscam compreender o comportamento humano, pois este está baseado na maneira como percebemos os outros e o mundo. Um exemplo bastante comum é quando à distância cumprimentamos alguém pensando se tratar de uma pessoa conhecida e somente quando chegamos perto, percebemos que cometemos um erro (de estímulo).

Essa é uma das razões pelas quais a Gestalt considera relevante verificar o meio como um todo. Em função dessa compreensão é que surgem dois conceitos importantes nessa teoria: o de **meio geográfico** e o de **meio comportamental**.

O meio geográfico diz respeito ao meio físico em si, já o comportamental é resultante da interação entre o indivíduo e o meio físico, a qual determina as reações deste ao ambiente. A forma como percebemos o meio é subjetiva, depende de inúmeros fatores, como o nosso estado de ânimo. Nesse sentido, quando estamos tristes, tendemos a ver o

mundo de outra forma, ou ainda quando nossos sentidos nos enganam como no exemplo citado anteriormente.

Se pensarmos no exemplo apresentado, veremos que o princípio que nos fez cometer um erro de percepção é o da semelhança, pois se não houvesse algo similar entre as duas pessoas, essa situação não teria ocorrido.

Insight significa compreensão ou percepção imediata.



Köhler

<http://www.prof2000.pt/users/isis/psique/unidade1/objeto/kohler.html>

O **insight** é outro conceito fundamental da Gestalt, tendo sido descoberto por Köhler a partir de experiências realizadas com chimpanzés. Ele percebeu que frente a problemas criados por ele, com diferentes níveis de dificuldade, para que o animal se alimentasse, como por exemplo, alcançar uma banana utilizando uma vara que devia ser ajustada a outra parte, o chimpanzé chegou à solução a partir de uma súbita compreensão da relação existente entre as coisas.

Transportando esse conceito para a nossa realidade, é possível verificar que crianças com pouca idade, apresentam insights, como se pode observar quando uma criança que ainda não sabe ler, distingue um determinado produto pela logomarca e indicar seu nome corretamente, como por exemplo, a marca do leite que toma, ou de um biscoito que gosta. Nessa situação, ela está significando o objeto a partir do todo. Outro exemplo pode ser encontrado quando nós diante de um problema que tentamos resolver várias vezes, sem êxito e, após diversas tentativas, decidimos “refrescar a mente”, tomando um banho, por exemplo, subitamente encontramos a solução.

A Gestalt influenciou diferentes áreas da psicologia, como o estudo da aprendizagem e da percepção. No campo da educação, as implicações se fazem notar na relevância dada à maturação como fator fundamental do desenvolvimento humano; a compreensão de que o indivíduo tem papel ativo no processo de ensino-aprendizagem, que os organiza de acordo com suas estruturas e percepção; os conteúdos a serem ensinados devem levar em consideração o nível em que se encontra o aluno, assim como a motivação e as possibilidades que este dispõe.

1.3.3. Psicanálise

A relevância da Psicanálise é indiscutível, tendo em vista que é impossível pensar o século XX sem Sigmund Freud (1856-1939), seu fundador, um homem que pode ser considerado um gênio, pois sua criação não se restringe a um local ou tempo quaisquer, mas atinge todos os tempos e lugares, de tal modo que após ele, já não é possível pensar da mesma forma.

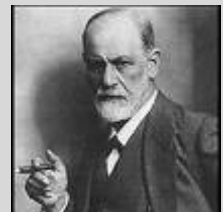
Diferentemente das outras escolas, a Psicanálise não tem sua origem ligada à Academia, ou seja, seu berço não foi a Universidade, mas a prática clínica decorrente da profissão de seu criador, a Medicina. Outro aspecto que a diferencia das escolas anteriores é o seu objeto de estudo (comportamento anormal) e o método adotado para estudá-lo (observação clínica). Além disso, grande parte da obra de Freud pode ser considerada autobiográfica, pois foi baseada em suas experiências pessoais.

Após formar-se em Medicina, Freud trabalhou como neurologista durante certo tempo, mas seu interesse pela psiquiatria, em especial pela descoberta das causas da doença mental, o levou a conquistar uma bolsa de estudos para estudar em Paris com Jean Charcot, que ganhou notoriedade a partir do seu trabalho com pacientes histéricas. Seu método consistia na **hipnose**, que possibilitava a descoberta dos problemas que atormentavam as pacientes. Em função disso, durante um período, Freud adotou esse método ao voltar para Viena. Posteriormente, quando passa a trabalhar com Joseph Breuer, que também fazia uso da hipnose, associada ao que ele denominou **método catártico**. Breuer se tornou uma espécie de mentor e protetor de Freud, ajudando no início da sua carreira. O relacionamento entre os dois termina com a exposição de Freud de suas idéias acerca da sexualidade infantil.

Freud não concebia a doença mental como tendo base orgânica, como a medicina da época considerava, mas sim, que esta tinha origem psicológica.

Depois de certo tempo, Freud constatou que os sintomas voltavam a acometer as pessoas que ele tratava, sob novas formas. Além disso, em muitos casos, os pacientes neuróticos não se deixavam hipnotizar ou não conseguiam

Para Freud, o termo psicanálise refere-se a três coisas distintas. Em primeiro lugar, psicanálise significa uma teoria acerca do psiquismo humano, em segundo lugar, diz respeito ao método que investiga e trata problemas de ordem psicológica e, por último, designa a prática profissional que busca a cura, a partir da análise e interpretação.



Sigmund Freud
<http://calcanhar.wordpress.com/2007/09/02/freud-e-a-grecia-antiga/>

Método catártico: liberação de emoções relacionadas a traumas, que não puderam ser expressas no momento e que produzia a eliminação dos sintomas.



**Museu de Freud
Londres**

[http://cache02.storm
ap.sapo.pt/fotostore
01/fotos//b2/ae/d7/1
715105_raNZs.jpeg](http://cache02.storm.ap.sapo.pt/fotostore01/fotos//b2/ae/d7/1715105_raNZs.jpeg)



Freud jovem

[http://www.dw-
wor-
ld.de/image/0,,19
22788_1,00.jpg](http://www.dw-wor-ld.de/image/0,,1922788_1,00.jpg)

Mecanismos de defesa são utilizados para eliminar ou reduzir a ansiedade e a angústia.

ser hipnotizados. Isso fez com que ele abandonasse a hipnose e passasse a utilizar a conversação normal e, por fim, em função da sugestão de uma de suas pacientes, abandonou as perguntas e passa a deixar o paciente falar à vontade sobre o que lhe viesse à mente (**Livre Associação**), por considerar que o paciente revelava conteúdos reprimidos que impediam o crescimento psíquico.

Foi a partir desse método que Freud observou que as lembranças dos pacientes constantemente os levavam a situações da infância e que, muitas destas situações, envolviam a sexualidade. Firmou-se nele a convicção de que a sexualidade exercia enorme influência no desenvolvimento da neurose.

Essa constatação também o induziu a desenvolver posteriormente sua teoria do desenvolvimento psicosssexual, a qual será abordada em outra parte dessa apostila.

Freud começou a analisar seus sonhos para compreender melhor como se constituía o psiquismo, adotando também esse método e a interpretação como métodos da psicanálise. Nesse sentido, descobriu que havia nos sonhos dois tipos de conteúdo, um manifesto, que se exprimia naturalmente no relato do sonho e outro, latente, que dizia respeito ao conteúdo reprimido, oculto e simbólico. Considerou, então, que a análise permitiria entender melhor o paciente.

Em determinado momento, Freud observou que havia fatos na vida dos pacientes aos quais ele não tinha acesso a partir da livre associação, seja por que eles não queriam ou por que não podiam revelar. É nesse contexto que ele descobre o **mecanismo de defesa** que denominou **resistência**. Ele concluiu que a presença deste mecanismo ocorria por que o conteúdo deveria provocar ansiedade e angústia ao paciente e, por essa razão era reprimido.

Essa compreensão deu origem a um dos conceitos mais importantes da teoria freudiana, o de repressão, que consiste no processo de impedir que passem para o consciente as idéias, desejos ou memórias que não são admissíveis, limitando-as ao inconsciente.

O grande mérito de Freud foi, portanto, criar uma forma de estudar o inconsciente, seja através da análise dos sonhos, seja a partir dos **lapsos cotidianos**. Esse conceito

significa a expressão de idéias inconscientes que eram mantidas reprimidas, mas que se faziam notar em lapsos lingüísticos, como por exemplo, quando cumprimentar alguém que sofreu a perda do esposo, ao invés de dizer “meus pêsames”, diz-se “meus parabéns”. Isso ocorre por que de fato, a pessoa pode considerar que o esposo da outra a fazia sofrer e que não a merecia, logo ela estava livre desse “problema”.

Freud, a partir de seus estudos, criou uma teoria acerca da vida mental, na qual inicialmente constavam como elementos o pré-consciente, consciente e o inconsciente. O primeiro dizia respeito a fatos, idéias ou lembranças que embora não estivessem disponíveis poderiam assomar à consciência desde que a pessoa fizesse um pequeno esforço. Um exemplo pode ser perguntar a você o que comeu hoje no café da manhã. Você não estava pensando nisso, mas a pergunta o faz lembrar instantaneamente.

No caso do consciente, este é representado pelos aspectos a que se tem acesso livremente, sejam eles vindos do exterior, seja do mundo interior. E quanto ao inconsciente, só se tem acesso ao seu conteúdo de forma indireta, pois não se tem acesso a eles por estarem reprimidos. A imagem que podemos associar a essa distinção da vida mental é a do **iceberg**. Quando o vemos, a parte superior visível pode ser considerada como o consciente, mas a parte submersa, infinitamente maior, representa o inconsciente. Com essa representação, Freud demonstrou que, contrariamente ao que se acredita, quem domina a vida psíquica é o inconsciente. Essa metáfora do inconsciente é atribuída a Fechner, contemporâneo de Freud e psicofísico.

Posteriormente, entre 1920 e 1923, Freud elaborou uma segunda teoria do aparelho psíquico, introduzindo novos conceitos (id, ego e superego) que serão discutidos a seguir.

O primeiro conceito é o de **Id**, que pode ser caracterizado como o reservatório de energia psíquica do indivíduo, sendo constituído pelos instintos. No Id se encontram reprimidos os conteúdos aos quais o indivíduo não pode ter acesso, sob pena de desestruturar seu psiquismo. Essa estrutura psíquica é regida pelo princípio do prazer, pois para o id não existem proibições, sentimentos de culpa etc. é irracional, alógico, impulsivo, não conhecendo nem a moral nem a ética. Deseja satisfação imediata para os seus desejos e não



Iceberg

<http://wsvanderlugt.wordpress.com/2008/07/22/exploring-the-iceberg/>

Freud define instinto como os representantes psíquicos dos estímulos que se originam no organismo e chegam à mente

tolera frustrações. Sua linguagem são as imagens e se encontra quase que inteiramente no inconsciente.

O **Ego**, ao contrário, é regido pelo princípio da realidade. É ele que é responsável pela conduta consciente do indivíduo e que tenta conciliar as exigências (desejos) do Id com as proibições excessivas do Superego, de forma que exerce controle sobre os instintos, impulsos do Id de modo a conseguir realizá-los de forma realista. Nele estão os mecanismos de defesa.

Já o **Superego** é constituído pelos valores, normas e padrões morais e costumes da sociedade e pelos ideais valorizados pela sociedade, internalizados pela criança a partir dos pais. Nesse sentido, entra em constante conflito com o Id que busca a todo custo realizar seus instintos impulsivos. Esses conflitos são mediados pelo ego, que tenta adequá-los à realidade.

Utilizando novamente uma metáfora proposta por Schultz e Schultz (2005), poderíamos comparar o Id a um cavalo, cujo cavaleiro é o Ego, ou seja, enquanto o primeiro é puro instinto, o segundo representa a razão. Ainda, com o intuito de levar a uma maior compreensão, podemos associar o id a uma prisão de segurança máxima, da qual querem escapar de qualquer forma, os instintos e os conteúdos reprimidos, os quais são barrados pela repressão, mecanismo de defesa. Em outras palavras, o Id pode ser comparado à criança; o Ego ao adulto e o Superego ao pai.

Quando a criança nasce é puro instinto (Id) e, somente gradativamente vai internalizando os valores da sociedade, formando assim o Ego e, posteriormente o Superego, que vem a ser a interpretação das proibições transmitidas pelos pais, as quais, depois de internalizadas não necessitam mais ser rerepresentadas continuamente pelos adultos, porque a criança já desenvolveu a noção de certo e errado.

A teoria psicanalítica deu origem a diversas outras teorias, neopsicanalíticas, as quais não serão objeto de estudo em função dos objetivos desse módulo. Além disso, a teoria freudiana será abordada novamente, em momento posterior.

Finalizamos esse módulo e gostaríamos de poder levar você ainda mais longe, mas antes precisamos verificar o que

você aprendeu nesse breve passeio por uma história que já tem mais de 2000 anos.

ATIVIDADE 1

Reverendo o conteúdo que você estudou, reflita um pouco e tente identificar em que momentos da sua prática como professor, a psicologia exerceu algum tipo de influência e se esta influência tem relação com as teorias que você estudou.

PARA SABER MAIS

<http://www.sobresites.com/psicologia/teorias/behaviorismo.htm>

www.sobresites.com/psicologia

<http://www.psicologia-online.org.br/main/index.cfm>

Unidade 2

A Psicologia da Educação no Brasil

Resumo

Nesta unidade será abordada a Psicologia da Educação a partir de seu desenvolvimento histórico no Brasil, de modo que ao final da unidade você terá aprendido sobre seu fundamento científico, campo de estudo, conteúdos e objetivos. De posse deste conhecimento, compreenderá melhor a relevância dessa disciplina para o exercício da docência.

Sumário

UNIDADE 2: A Psicologia da Educação no Brasil.....	34
2.1 – A evolução histórica da Psicologia da Educação	34
2.1.1 – Influências antecedentes: a instituição da Psicologia da Educação no mundo.....	34
2.1.2 – História da Psicologia da Educação no Brasil	37
2.2 – Tendências teóricas que influenciaram a educação brasileira	40
2.3. A Psicologia da Educação hoje.....	42

UNIDADE 2: A Psicologia da Educação no Brasil

2.1 – A evolução histórica da Psicologia da Educação

2.1.1 – Influências antecedentes: a instituição da Psicologia da Educação no mundo

A compreensão da constituição da Psicologia da Educação no Brasil exige sua contextualização em um quadro histórico mais amplo, de modo que você possa verificar as origens desse campo do conhecimento humano tão essencial para a Educação, que juntamente com outras áreas, permite entender melhor o fenômeno educacional.

Nesse sentido, as origens da Psicologia da Educação remontam ao Funcionalismo norte-americano, sob a influência de uma das primeiras escolas da Psicologia que você já estudou na unidade anterior. Como nós já vimos, em função das características próprias da sociedade americana, em especial o **pragmatismo**, só era valorizado o que era útil. Por essa razão, a Psicologia da Educação surge inicialmente para resolver os problemas da educação nos Estados Unidos, por volta de 1894. A partir dessa década, o número de psicólogos voltados para esse campo teve um crescimento admirável. Stanley Hall e Edward Thorndike são considerados como os que mais contribuíram para o desenvolvimento desse campo, embora partissem de posições teoricamente distintas.

Escola da Filosofia tem como fundamento a concepção de que os atos e as idéias somente são verdadeiros se permitem solucionar os problemas do indivíduo.

Em 1905 tem início o uso de testes de inteligência para aferir o desempenho dos alunos, a partir do teste criado por Alfred Binet (psicólogo francês) e Théodore Simon, os quais receberam essa incumbência do Ministro de Instrução da França que desejava separar os alunos que tinham um bom desempenho, daqueles que apresentavam dificuldades de aprendizagem. É o sinal para o desenvolvimento espetacular dos testes de inteligência.

A Psicologia passa a ser considerada a solução para todos os problemas da educação, o que fez com que se tornasse uma espécie de mania nacional nos Estados Unidos, sendo amplamente divulgada não apenas em periódicos científicos, mas também em revistas populares e em outros meios de comunicação, como jornais, por exemplo. Essa psicologia aplicada se estendeu a campos outros, tais como: à clínica, ao Direito e à publicidade.

Essa fase de euforia em relação à Psicologia como um todo começa a diminuir quando se comprova que essa promessa não se cumpre. Nas décadas de 20 e 30, a Psicologia passa, assim, por um período de severas críticas, as quais só diminuem na Segunda Guerra Mundial, quando é chamada a solucionar outros problemas.

Especificamente no que se refere à Psicologia da Educação, observa-se sua influência em outros países, como a Suíça, por exemplo, sob a iniciativa de Claparède que cria o Instituto de Pesquisa Psicológica Jean Jacques Rosseau.

A Psicologia da Educação alcança enorme desenvolvimento em três áreas: psicologia da criança, medida das diferenças individuais e aprendizagem. Tal fato é decisivo para que esta assumira um lugar de destaque no cenário educacional, chegando a ser considerada a rainha das ciências da educação, contribuindo para que se acreditasse que seria possível, a partir dessa disciplina estabelecer o estatuto de cientificidade da Pedagogia.

No início da década de 50, a Psicologia da Educação apresenta um enorme paradoxo: por um lado, oficialmente, é considerada a disciplina que mais coopera com a Pedagogia no sentido de esclarecer os fenômenos educativos; por outro, ao ampliar desmedidamente seu campo de atuação, torna imprecisos seus limites, ou seja, o seu objeto de estudo se perde e, conseqüentemente, sua identidade.

É nesse contexto, no decorrer dessa década que a Psicologia da Educação passa por um período de severas críticas, as quais aliadas ao contexto sócio-histórico do momento terminam por colocá-la em xeque. Entre as críticas que sofreu está o número de escolas que a compõem e que apresentam visões distintas sobre o mesmo fenômeno. Aliado a isso, o surgimento de disciplinas como Planejamento educativo, Sociologia da Educação e Economia da Educação acentuam o fato de que a Psicologia da Educação não era capaz de dar resposta a todas as questões levantadas pela Educação.

No decorrer da década de 50, inúmeras transformações nos mais diversos domínios terminaram por favorecer novamente a Psicologia da Educação, como por exemplo, o final da guerra fria e a prosperidade econômica do período,

que culminaram em mais recursos para a educação e, conseqüentemente, para a psicologia.

Não obstante tal fato, a Psicologia da Educação ao ver-se obrigada a dividir o espaço conquistado com outras disciplinas, passa por modificações que podem ser consideradas positivas, tendo em vista que foi nesse período que delimitou seu objeto de estudo, precisou seus conteúdos e explorou novos aspectos do fenômeno educativo. Um exemplo é o interesse desenvolvido pela aprendizagem de disciplinas específicas no contexto escolar, como a matemática, e os elementos envolvidos nesse processo.

A partir da década de 70 até os dias atuais, a Psicologia da Educação começa a desenvolver estudos mais intensos na área da aprendizagem, aproximando-se da Psicologia da Instrução (que trata dos aspectos instrumentais do processo de aprendizagem), assim como esta última se aproxima da Psicologia Cognitiva.

Esse breve percurso pela história da Psicologia da Educação no contexto mundial permite-nos agora, focalizar o desenvolvimento desta no Brasil, o que será feito no próximo tópico, mas antes disso, seria interessante que você resolvesse a seguinte atividade.

ATIVIDADE 2

- 01. Quais as condições que permitiram o surgimento da Psicologia da Educação nos Estados Unidos?**
- 02. Que conteúdos essa disciplina pesquisava quando surgiu?**
- 03. Por que razão a Psicologia da Educação foi chamada de “Rainha das Ciências da Educação”?**
- 04. Quais as críticas que esta disciplina sofreu?**
- 05. Especifique os períodos de crescimento e os de crise do seu surgimento até hoje.**

2.1.2 – História da Psicologia da Educação no Brasil

É curioso observar que no Brasil a Psicologia da Educação surgiu antes da Psicologia propriamente dita, fato inteiramente diferente do que aconteceu no resto do mundo. Isso ocorreu por que a Psicologia se estabeleceu no Brasil a partir de uma forte ligação com a Educação. A Psicologia só se instituiu como ciência na década de 60, quando os primeiros cursos de Psicologia são criados.

Antes de examinarmos a Psicologia da Educação, contudo, cabe ressaltar que alguns estudiosos desse tema, como Massimi e Guedes (2004) e Antunes (2001), encontraram indícios de uma preocupação com os fenômenos psicológicos desde o período colonial, ainda que não tivessem caráter científico.

O pensamento psicológico no Brasil tem sua origem marcada pela contribuição de diferentes campos do saber; campos estes a que a Psicologia, enquanto ciência já constituída, manteve-se atrelada durante longo período. São exemplos desses campos trabalhos desenvolvidos nas áreas de Medicina, de Teologia, de Pedagogia e da Moral, entre outras, os quais abordavam temas como as emoções, a educação de crianças, o trabalho etc.

Faz-se importante ressaltar, como vimos mostrando desde a primeira unidade, a relevância do contexto sócio-histórico e econômico no processo de constituição de uma ciência, que, por essa razão, não pode ser considerada neutra. É o caso dos momentos iniciais do pensamento psicológico no Brasil se considerarmos que como colônia obedecia à lógica e aos interesses de Portugal, assim como surpreendia pela originalidade de suas posições, as quais, muitas vezes entravam em confronto com as idéias daquele país.

No século XIX, o Brasil torna-se um império e tal acontecimento traz como consequência algumas modificações profundas na sociedade, que se refletem também na natureza do pensamento psicológico da época. Uma das alterações diz respeito ao fato de que a partir desse evento, esse pensamento passa a vincular-se às instituições, diferenciando-se do período antecedente denominado por Pessotti (apud Antunes, 2001, p. 17) como período pré-institucional da psicologia, pois não estava ligado a nenhuma instituição.



Tarsila do Amaral
Paisagem com touro

<http://kavorka.wordpress.com/2006/10/16/tarsila-do-amaral/>



Escola Normal (1901)
www.skyscrapercity.com



Hospital Juqueri
(séc.XIX)

<http://compartilhados.blogspot.com/2007/12/franco-da-rocha-no-um-patinho.feio.html>

Para saber mais
sobre a Escola Nova

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos20/ev_que_social_refedu.htm

Nesse sentido, a Psicologia desenvolveu-se nesse período principalmente nas **Escolas Normais** e nos hospitais psiquiátricos. Nas primeiras formou-se a base para o ensino de psicologia, a partir da tradução de obras importantes, da vinda de eminentes psicólogos ao Brasil para darem palestras e também em função das discussões referentes às distintas abordagens teóricas da época. As primeiras pesquisas e trabalhos desenvolvidos na área também o foram nas Escolas Normais, além das primeiras Faculdades de Medicina.

Quanto aos hospitais psiquiátricos e faculdades de Medicina, pode-se afirmar que inicialmente difundiam as idéias psicológicas de forma estreitamente vinculada à Medicina e, só posteriormente, observa-se gradativamente um distanciamento dessa ciência, com a adoção de idéias propriamente psicológicas.

Desse modo, a disciplina Psicologia da Educação destaca-se no cenário brasileiro a partir de meados da década de 1920, acompanhando as reformas educacionais que ocorriam em alguns Estados do país. Em 1924, foi criada a Associação Brasileira de Educação que pretendia promover uma discussão mais ampla acerca dos problemas educacionais. A inclusão da psicologia nas Escolas Normais resultou dessa mobilização, passando a ser considerada a base do ensino primário. Sua tarefa consistia em formar o educador para lidar com a criança a partir do conhecimento adquirido sobre sua personalidade e o processo de aprendizagem. Essas idéias eram a base do que se convencionou denominar **Escola Nova**, movimento que ocorreu no período entre 1925 e 1950. A luta por uma escola pública gratuita para todos, leiga e obrigatória era o ideal da Escola Nova.

Esse movimento tinha por suporte o pensamento liberal, que enfatizava o papel da educação na construção de uma sociedade democrática, acentuando o individualismo e a preparação para a autonomia, de modo que atuou no sentido de desmobilizar os movimentos populares, legitimando os ideais da classe dominante e auxiliando o Governo de Getúlio Vargas.

A Constituição Federal sofreu várias modificações no decorrer do tempo, sendo importante destacar que ora estava a favor da educação, ora contrária. É o que se pode observar nas Constituições de 1934 e 1937, pois a primeira garantiu a escola pública, já a segunda significou um retro-

cesso uma vez que limitou o ensino à seleção por testes de QI e à capacidade da escola para receber os alunos.

O início da Segunda Guerra Mundial em 1939 ampliou o uso dos testes psicológicos, importados dos Estados Unidos. Politicamente, foi o início do fim do Estado Novo, sendo que Getúlio Vargas convocou eleições diretas ao final da guerra, sendo deposto por um golpe militar antes que estas se realizassem.

As décadas de 40 e 50 assistiram ao surgimento dos cursos de Filosofia e de Pedagogia, que impulsionaram o desenvolvimento da Psicologia da Educação, assim como a ida de professores aos Estados Unidos e à Europa para se aperfeiçoarem e que ao retornar traziam consigo as novas tendências.

Após o governo de Eurico Gaspar Dutra, que havia sucedido Getúlio Vargas, este retornou ao poder, mas, pressionado por todos os lados, terminou por cometer suicídio em 1954.

Os anos seguintes foram de otimismo em função do Governo de Juscelino Kubitschek, ainda que a dívida externa aumentasse em um ritmo galopante. De qualquer modo, ao final do seu governo, dois novos presidentes o sucederam, mas sem conseguir terminar o mandato, Jânio Quadros e João Goulart. Nas Universidades, a Psicologia disputava espaço com a Política e a Sociologia e, até mesmo nas escolas, o clima era de discussão crítica.

O ano de 1964 foi marcado pela deposição de João Goulart e a ascensão do regime militar, que nos anos posteriores, estabeleceu a ditadura, reprimindo os movimentos estudantis e toda e qualquer forma de oposição a partir dos famosos atos institucionais. O sistema educacional sofreu modificações para se adequar ao novo modelo desenvolvimentista, que necessitava de mão-de-obra qualificada para trabalhar nas multinacionais instaladas no país. Somente no início dessa década é que foram criados os cursos de Psicologia, como já foi comentado anteriormente, ao passo que a Filosofia perdeu o espaço outrora conquistado.

Durante o período do regime militar, a Psicologia da Educação ganhou forte impulso por apresentar um discurso que não se contrapunha ao do governo, pelo contrário, justi-

ficava-o ao desviar o foco dos problemas sociais para as diferenças individuais.

Na década de 70 tem início a abertura política, mas é somente no final da década que esta se efetiva. É um período de perda de prestígio da Psicologia, que assim como ocorreu em outros países, não conseguia dar resposta aos problemas sociais que emergiam, sobressaindo-se então a Sociologia.

A década de 80 trouxe consigo um novo interesse pela Psicologia, em especial pela Psicanálise e pela teoria de Jean Piaget.

A Psicologia da Educação esteve presente, como você pôde ver, em vários períodos da nossa história e continua nos dias atuais a produzir conhecimento e a subsidiar a prática pedagógica. Sua atualidade, da década de 90 até hoje, será abordada em outro tópico, pois agora iremos ver quais as tendências teóricas que influenciaram o processo educativo no Brasil.

2.2 – Tendências teóricas que influenciaram a educação brasileira



DEWEY

<http://grandesnomeseducacao.files.wordpress.com/2008/02/dewey.gif>

Não se pode deixar de notar a influência do funcionalismo americano e do experimentalismo europeu, fundamentados nas idéias de John Dewey e Claparède, respectivamente na educação brasileira, mas são as idéias de John Dewey que irão subsidiar a primeira tendência.

Na instituição da **primeira tendência**, observa-se que a preocupação de Dewey centrava-se no trabalho desenvolvido na sala de aula, de modo a englobar não apenas os recursos metodológicos, a avaliação, o raciocínio das crianças, mas, sobretudo, visava prepará-la para uma sociedade democrática.

Essa tendência foi absorvida com facilidade no meio educacional em função do momento histórico que o país vivia, recém saído da ditadura militar, e adotando nova Constituição (1946), a qual retomava as premissas dos direitos civis e apontava a educação como dever do Estado. Foi nesse período que foram criados os Institutos de Educação

que substituíram as Escolas Normais e nos quais a Psicologia da Educação ocupou lugar central.

A segunda tendência originou-se das idéias de Skinner, ou seja, do **Comportamentalismo americano**. Inicialmente esta tendência encontrou solo fértil nas faculdades de Filosofia nos anos 50 e, posteriormente, na década de 60 quando deu origem à tecnologia educacional.

Foi a partir do experimentalismo europeu que tomou impulso no Brasil a terceira tendência, a **Psicometria**, ou seja, a mensuração de comportamentos a partir de testes psicológicos. A concepção existente por trás dessa área da psicologia é de que é possível medir, por exemplo, a inteligência dos indivíduos e em função disso, enquadrá-los em determinado grupo, como os mais inteligentes e os menos inteligentes.

Nas décadas de 30 e 40, O Brasil fez amplo uso dos testes de inteligência (quociente intelectual – QI) nas escolas, com o intuito de separar os “anormais” dos normais. Essa utilização, contudo, tinha outro propósito, qual seja, o de mascarar as desigualdades sociais, explicando-as como decorrentes de diferenças individuais, mais especificamente de diferenças psicológicas. Tal fato servia muito bem aos interesses dominantes, pois diminuía a responsabilidade do governo em relação às péssimas condições de vida da população e, ao mesmo tempo, o desobrigava de ter que adotar medidas para solucionar os problemas de aprendizagem. A culpa por não aprender era atribuída única e exclusivamente ao aluno e não à escola, aos métodos adotados, à postura do professor, ou mais grave ainda, a sua condição sócio-econômica.

A quarta tendência baseou-se nas idéias de Carl Rogers, que defendia um ensino não diretivo, no qual o professor deveria buscar um relacionamento afetivo com os alunos, pois segundo esse autor, a aprendizagem só pode ocorrer em um contexto no qual haja afeto, valorização das emoções e não apenas do aspecto cognitivo. O professor deveria despertar o interesse do aluno pelo saber e, a partir daí desenvolver com este uma troca, sem autoritarismo. Essas idéias, contudo, não foram tão difundidas no Brasil.



ATIVIDADE 3

01. Como se desenvolveu a Psicologia da Educação no Brasil?
02. Faça um esquema mostrando a evolução da Psicologia da Educação nas diferentes décadas.
03. Quais as tendências desenvolvidas no Brasil a partir da Psicologia da Educação?

Para saber mais

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicometria_\(Psicologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicometria_(Psicologia))

http://www.ginasiomental.com/iq_tests/Matrix%20test%20A.htm

QUER FAZER UM TESTE DE QI? USE O SITE ACIMA

http://www.multirio.rj.gov.br/cime/ME01/ME01_028.html

ROGERS

<http://www.clubedoprofessor.com.br/recursos/teorias/index.htm>

2.3. A Psicologia da Educação hoje

O campo da Psicologia da Educação foi durante muito tempo caracterizado por uma polêmica discussão entre os estudiosos que a ele se dedicam, em função das distintas concepções existentes acerca da posição que esta ciência ocupa.

De um lado, alguns estudiosos defendiam que a Psicologia da Educação se limitava a ser uma mera aplicação dos conhecimentos obtidos pela Psicologia Científica ao campo da Educação, não tendo, portanto, nem método, nem objeto de estudo próprios. Essa posição predominou até a década de 1950, mas ainda existem, embora em menor número autores que a defendem na atualidade. Uma forma de compreender melhor essa posição seria se pensássemos, por exemplo, em uma Psicanálise aplicada à Educação.

Outra corrente defende que a Psicologia da Educação é uma disciplina-ponte entre a Educação e a Psicologia, de forma que seria assim uma ciência com objeto de estudo, algumas teorias e métodos próprios. Como esse autor afirma um dos defensores mais importantes dessa corrente é Robert Glaser que considera que o caso da Psicologia da Educação assemelha-se ao da Arquitetura, da Engenharia e mesmo da Medicina, as quais não podem ser compreendidas sem os conhecimentos provenientes da Matemática, da Física ou da Biologia, mas que não podem ser simplesmente reduzidas a elas. Glaser a denomina Psicologia da Instrução.

Outros autores que compartilham dessa idéia consideram, entretanto, que a atuação da Psicologia da Educação vai além, pois contribui com novos conhecimentos para a Psicologia e para a Pedagogia.

Se limitarmos o alcance da Psicologia da Educação aos aspectos relativos apenas aos processos instrucionais, estaremos excluindo outros contextos que também atuam de forma educativa, como por exemplo, aqueles que acontecem na família. Essa tem sido a tendência mais geral, ampliar ao invés de limitar. Não obstante esse questionamento, ele também considera que a posição mais apropriada é ver a Psicologia da Educação como uma disciplina-ponte.

Para finalizarmos essa unidade, apresentaremos a definição do objeto de estudo da Psicologia da Educação: mudança comportamental provocada pelo conhecimento adquirido a partir da educação.

Esperamos que ao final dessa unidade você possa ter compreendido o que de fato vem a ser a disciplina que você está estudando. A próxima unidade aproximará você ainda mais de temas abordados por essa disciplina e que são fundamentais para o seu trabalho como docente.

Atividade 4

- 01. Explique as concepções existentes acerca da Psicologia da Educação.**
- 02. Qual a sua opinião: a Psicologia da Educação deve se limitar a estudar o que ocorre na escola?**

Unidade 3

A constituição da subjetividade

Resumo

Nesta unidade falaremos sobre a subjetividade, objeto de estudo da Psicologia, procurando demonstrar a relevância desse conceito para a compreensão do ser humano e de seu psiquismo. Aliado a esse conceito serão abordados também as categorias constituintes do psiquismo, como a atividade, a consciência e a identidade, as quais são mediadas pelas emoções e pela linguagem. A teoria que fundamenta essa discussão é a abordagem histórico-cultural, que diferentemente das teorias anteriores considera a importância do contexto histórico e social no qual o homem está inserido como essencial para o seu desenvolvimento.

Sumário

UNIDADE 3: A Constituição da Subjetividade	46
3.1 – A subjetividade como objeto de estudo da Psicologia.....	47
3.2 – Processos básicos da constituição do psiquismo: Atividade, Consciência e Identidade	49
3.2.1 Atividade.....	51
3.2.3. Consciência.....	53
3.2.2. Identidade.....	54
3.3 – Processos mediadores na constituição do psiquismo: linguagem e emoções.	57
3.3.1 Linguagem.....	57
3.3.2 Emoções	60

UNIDADE 3: A Constituição da Subjetividade

Para relembrar

Estruturalismo

Estrutura da
Consciência

Funcionalismo

Funções da
consciência que
permitem ao
homem se
adaptar ao mundo

Behaviorismo

Comportamento
como resultado
da relação S-R

Gestalt

Comportamento visto
de forma global

Psicanálise

Inconsciente

Na Unidade I você conheceu algumas escolas da Psicologia e percebeu que cada uma delas apresentava um objeto de estudo diferente, ou um mesmo objeto, mas visto de outra perspectiva. Em função dessa constatação, a Psicologia tem recebido muitas críticas, que são contestadas com o argumento de que esta é uma ciência relativamente jovem, que ainda não conseguiu apresentar teorias prontas.

Além desse argumento, costuma-se afirmar também que a dificuldade em definir o objeto de estudo da Psicologia deve-se ao fato de que seu objeto se mistura com o próprio pesquisador.

Por outro lado, o que você deve compreender é que a Psicologia estuda diferentes fenômenos psicológicos a partir de distintos métodos, assim torna-se difícil precisar seu objeto, a não ser que este seja capaz de reunir em si a maior variedade de fenômenos possíveis. É o que ocorre com o conceito de subjetividade.

Outro ponto que merece sua atenção é que a escolha do objeto de estudo varia de acordo com a visão de mundo e de homem que cada escola possui. Assim, poderíamos exemplificar com o Behaviorismo, cuja visão de homem é a de um sujeito passivo, que sofre a ação do ambiente e simplesmente reage a ela. Do mesmo modo, a visão de sociedade é limitada, pois não leva em conta o processo histórico, como se o homem de todas as épocas fosse exatamente igual, o que não é verdade. Pensar dessa forma significa considerar o homem de forma universal, abstrata, como se este não fosse influenciado pelo contexto sócio-histórico em que vive de forma concreta e que exerce poderosa influência sobre ele, modificando-o ao longo tempo.

Você pode observar esse fato prestando atenção às diferenças existentes entre as gerações, pois as mudanças são muito claras. A sua geração é extremamente diferente da geração dos seus pais e, em parte, isso se deve às mudanças pelas quais passou a sociedade.

No próximo tópico você aprenderá mais sobre o objeto de estudo da Psicologia.

3.1 – A subjetividade como objeto de estudo da Psicologia

A preocupação com a subjetividade foi, durante muito tempo, relegada a um segundo plano na Psicologia, em função da ênfase no modelo das ciências naturais que preconizava como princípios absolutos a objetividade e a neutralidade do pesquisador.

Atualmente, há certo consenso de que o objeto de estudo da Psicologia é a subjetividade, objeto esse que a diferencia de outras áreas das ciências humanas como a Sociologia e a Antropologia que também estudam o ser humano. Além disso, esse conceito é capaz de eliminar as dicotomias existentes nas outras escolas, tais como: interno x externo; social x individual; afetivo x cognitivo etc.

Importa, portanto, definir subjetividade para que você possa compreender a amplitude desse termo e seu significado para a ciência psicológica e também para que entenda por que este é capaz de acabar com as divisões acima mencionadas.

Subjetividade é a forma particular, singular de pensar, sentir e agir de cada indivíduo. Nesse sentido, não podemos dizer que a subjetividade é inata, ou seja, que cada pessoa nasce com subjetividade, pois a subjetividade se constrói a cada dia, a partir das experiências que vivenciamos, das relações que estabelecemos com as outras pessoas no nosso cotidiano. Desse modo, a cada vivência que temos atribuímos um sentido pessoal, que nos torna diferente das outras pessoas com as quais vivemos. Mesmo que essas pessoas possam estar vivenciando as mesmas experiências que nós, também atribuem sentido diferente a essas. Um exemplo que pode esclarecer esse fato é a família. Ainda que todos os membros da família estejam vivendo a mesma experiência, por exemplo, a perda de um ente querido, cada um vai reagir, sentir e agir de forma diversa dos outros, por que cada um é único.

Assim, a subjetividade é resultado de um longo processo de elaboração pessoal de tudo aquilo que experienciamos na vida social e cultural. É por essa razão que podemos dizer que cada um de nós é singular, especial e trazemos em nós um mundo. Nesse sentido, embora sejamos únicos, uma parte de nós é constituída pela sociedade, pelo lugar no



Tarsila do Amaral
Família

<http://images.google.com.br/images?gbv=2&hl=pt-BR&q=tarsila+do+Amaral>

qual vivemos e que também tem suas particularidades, sua singularidade, ao que denominamos **subjetividade social**.

A subjetividade social pode ser mais bem compreendida se você pensar nos diferentes espaços pelos quais transita: escola, clube, hospitais, igreja etc. Cada um desses lugares tem suas próprias características, ou seja, você não age na igreja da mesma forma que age no clube. Assim é possível verificar que a subjetividade social é diferente, o que tem conseqüências diretas sobre nós, pois à medida que somos transformados pelos lugares que freqüentamos também os transformamos.

É por isso que dizemos que à medida que o homem constrói o mundo, também é construído por ele, pois não ficamos insensíveis às experiências vivenciadas. É por essa razão também que podemos afirmar que não existe divisão entre externo e interno, uma vez que o que é externo a nós, passa a ser interno quando damos a ele um sentido particular. Da mesma forma, o que temos internamente em nós é expresso no mundo concreto, objetivo, deixando de ser totalmente interno, uma vez que também modifica o meio.

Igualmente não há separação entre afeto e cognição, tendo em vista que até mesmo quando estou aprendendo alguma coisa, não posso deixar de lado meus sentimentos. Faça um teste: pense na matéria que você mais gostava na escola. Se você prestar atenção, verá que havia alguém que você gostava que o influenciou.

Um aspecto importante a ressaltar é que a subjetividade pode ser manipulada, forjada, moldada pelo modelo de sociedade no qual se vive a partir de diversos mecanismos, como por exemplo, os meios de comunicação. É o caso da massificação provocada pela sociedade que estimula o consumo de objetos que estão na moda e que estigmatiza, exclui aqueles que não conseguem acompanhar suas tendências.

Não obstante essa verificação é preciso reconhecer que o homem pode reagir a esse processo, recusando-se a “entrar na onda”, a seguir o modelo acriticamente sem refletir sobre as conseqüências.

Um último ponto a ser comentado é que não se pode falar em subjetividade definitiva, pronta, acabada, tendo em vista que o homem está sempre em processo de mudança,



sempre em movimento, sempre experienciando novas situações e, a partir delas, está sempre se em processo de se constituir.

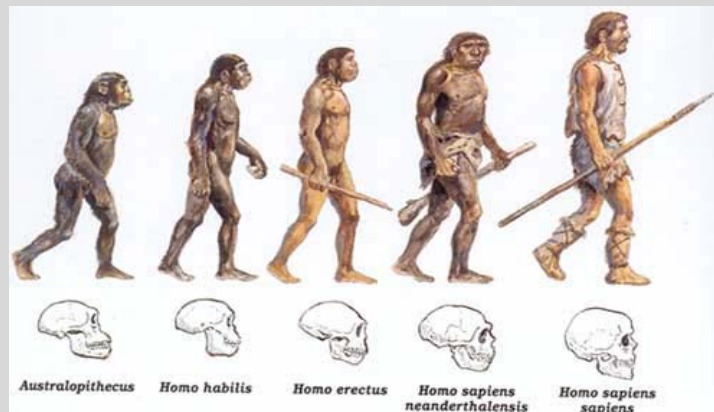
Ainda que uma parte de você permaneça sempre igual, permitindo que você se reconheça e que os outros também o reconheçam, há muito mais em você do que apenas as características percebidas com maior evidência, tais como a aparência, suas preferências etc. Na verdade, quanto mais experiências você vivenciar, mais modificações irá sofrer, ainda que não se dê conta disso.

Atividade

- 01 Conceitue subjetividade
- 02 Explique por que a subjetividade elimina as dicotomias: externo x interno; afetivo x cognitivo; social x individual.
- 03 Por que a subjetividade não é inata?

3.2 – Processos básicos da constituição do psiquismo: Atividade, Consciência e Identidade

A evolução do ser humano passou por várias etapas nas quais predominavam as leis biológicas, ou seja, o homem evoluiu ao longo do tempo através de mudanças estruturais na sua constituição física, até atingir o estágio atual. Você pode observar essas mudanças na figura a seguir.



http://www.ralysite.com.br/www.ultratempo.com.br/temo_moradias_tipos/evolucao_humana.jpg

As idéias desenvolvidas nessa unidade são decorrentes da **Teoria Histórico-Cultural**, cujos principais representantes são Lev Semenovitch **Vygotsky**, Alexander Romanovich **Luria** e Alexei Nikolaievitch **Leontiev**, os quais têm como fundamento epistemológico o **Marxismo Histórico e Dialético**.

A esse processo de mudanças na estrutura física do homem denominou-se **hominização** que se diferencia da humanização por ser esta última o processo de apropriação pelo homem das características tipicamente humanas. Em outras palavras, o homem aprende a ser homem a partir da convivência em sociedade, quando desenvolve várias aptidões que não são transmitidas por meio da hereditariedade.

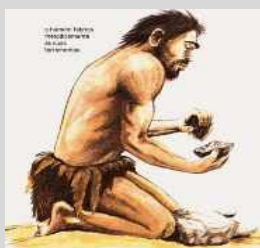
Pense no seu dia-a-dia: desde o momento em que você acorda, desenvolve várias atividades e utiliza diferentes instrumentos, como a escova de dentes, o pente ou escova, o computador, o carro etc. Todas essas atividades só foram possíveis por que você está inserido em uma sociedade e pôde se apropriar de tudo aquilo que foi criado pelas gerações precedentes no desenvolvimento da cultura.

Analisando o processo de evolução é possível constatar que, inicialmente, os australopitecos estavam submetidos totalmente à ação das **leis biológicas**, sendo seres gregários que possuíam utensílios primitivos não trabalhados, conheciam a posição vertical e conheciam apenas rudimentos da linguagem, expressa a partir de gestos e de sons guturais.

Posteriormente, após várias etapas da evolução, chegamos ao homem de Neanderthal, e já é possível observar algumas mudanças relevantes, como por exemplo, o desenvolvimento ainda embrionário da sociedade, do trabalho e da fabricação de instrumentos.

Há ainda nesse período enorme influência da hereditariedade, com conseqüentes transformações anatômicas transmitidas de geração em geração, mas paralelamente a isso, o trabalho e o uso de instrumentos, assim como a comunicação também começavam a provocar alterações significativas no homem. Esse fato é extremamente relevante por que a partir de então não mais predominam as leis biológicas, mas, estas, passam a dividir espaço com as leis sócio-históricas, que determinavam a adaptação dos órgãos do ser humano às suas condições de vida.

O terceiro estágio é caracterizado pelo homem atual, ou seja, o *Homo sapiens*, que representa o momento de transição mais importante na história da evolução, tendo em vista que a partir de então o homem passa a ser regido apenas pelas **leis sócio-históricas**. Ou seja, quanto ao desen-



Homem de Neanderthal

<http://profviseu.com/pessoal/ANEWTON/home.jpg>

volvimento biológico, o homem estava pronto e não necessitava mais das mudanças hereditárias para sua vida em sociedade. Isso não significa que o homem não esteja mais sujeito a modificações biológicas, mas sim que estas não mais determinam o desenvolvimento da humanidade.

Depois de ler o parágrafo anterior, você pode estar se questionando como ocorreu o desenvolvimento do *Homo sapiens*, como se deu sua evolução histórica e como essa evolução foi transmitida de geração em geração. A resposta a essa pergunta é simples, a evolução se deu e se consolidou através da cultura intelectual e material.

A transmissão às novas gerações do progresso alcançado se deu em função do trabalho, da atividade. É a partir do trabalho que o homem se adapta à natureza, modificando-a segundo suas necessidades. Tudo que o homem construiu ao longo do tempo, desde os objetos mais simples até os mais complexos possibilitaram o desenvolvimento não apenas dos recursos materiais, mas também da cultura.

Com o intuito de tornar o mais claro possível a evolução do homem, você irá estudar cada processo básico de constituição do psiquismo humano separadamente, embora eles estejam intrinsecamente interligados.



Homo sapiens

<http://tice.wikispaces.com/space/showimage/prehistoria.jpg>

PARA SABER MAIS

http://pt.wikipedia.org/wiki/Evolu%C3%A7%C3%A3o_humana

3.2.1 Atividade

A relevância do trabalho para a evolução da humanidade é ímpar, pois foi através dessa atividade que o homem pôde fixar e transmitir às gerações posteriores as suas realizações. O trabalho é, pois, a principal atividade humana.

Ao nascer o homem traz consigo uma única aptidão: a aptidão para a formação de outras, de novas aptidões. Essas irão se desenvolver a partir do contato com os fenômenos da realidade e com os objetos, os quais são resultado da experiência sócio-histórica acumulada pelo homem.

Assim, para se apropriar do que foi produzido pela ciência, tecnologia, arte, o homem tem que desenvolver atividades que reproduzam as características presentes nos objetos e cristalizadas neles. Ao reproduzir as atividades o homem pode aperfeiçoá-las, o que o diferencia dos animais. Essa apropriação também ocorre no aprendizado da linguagem, na aquisição do saber e do pensamento.

Imagine o que aconteceria se uma bomba atômica fosse lançada no mundo e somente sobrevivessem crianças de 3 anos de idade. A humanidade teria que começar do zero, pois ainda que cada criança pudesse viver mil anos não seria capaz de acumular o que foi produzido pela humanidade no decorrer de milênios. Haveria objetos, mas ninguém para ensiná-los a utilizar, explicar o porquê do seu uso ou como fabricá-los.

Os instrumentos podem ser considerados como elementos que se interpõem entre o homem e o objeto de trabalho, de forma a aumentar as possibilidades de modificação da natureza. O instrumento é, pois, um elemento mediador entre o homem e sua ação. Um exemplo claro é o machado que possibilita que o homem amplie sua ação sobre a natureza.

Nesse sentido, os instrumentos carregam em si mesmos a função pela qual foram criados e o modo adequado de ser utilizado, os quais são resultantes da história do trabalho coletivo. Ao fabricar um machado e definir sua função, o homem se eterniza, pois sua ação será repetida por vários outros homens no decorrer da história da humanidade.

Diferentemente dos animais que também fazem uso de instrumentos, ainda que de forma elementar, o homem cria os instrumentos deliberadamente, guardando-os para utilização posterior e transmitindo-os para as gerações precedentes. Além disso, o homem aperfeiçoa os instrumentos. O animal pode até fazer uso de um instrumento, como por exemplo, uma vara para alcançar uma fruta, mas trata-se de um uso imediato, que soluciona seu problema naquele exato momento, mas ele não reflete sobre sua ação, não mantém a vara para uso posterior e não transmite seu uso para os outros da sua espécie.

A construção de instrumentos permite, pois, ao homem transcender a sua própria existência quando seu uso é



transmitido através da linguagem a outros seres humanos. É esse processo que conduz ao desenvolvimento da consciência, tópico que iremos abordar a seguir.

3.2.3. Consciência

Da mesma forma que o uso de instrumentos diferencia o homem dos animais, a atividade consciente também o faz. Luria (1991) aponta três características fundamentais que esclarecem essa distinção. A primeira delas refere-se ao fato de que a atividade consciente do homem não está necessariamente ligada a motivos biológicos, mas envolve outras necessidades mais complexas, como a de ser útil, de se comunicar etc. Um exemplo é o caso dos bombeiros que para salvar uma vida arriscam-se enfrentando o fogo, ao contrário dos animais que tendem a fugir.

A segunda característica distintiva é que o comportamento do homem não está baseado em impressões imediatas, mas sim no conhecimento adquirido anteriormente, na reflexão e na interpretação das situações que vivencia, não se deixando levar por evidências do meio. Nesse sentido, o homem pode, como aponta Luria (1991), evitar beber a água de um poço se souber que está envenenada, mas o animal sim. Igualmente, o homem pode sair levando um guarda-chuva, mesmo que aparentemente não exista sinal evidente de que vá chover.

A última característica está baseada na apropriação da experiência da humanidade, transmitida no processo de educação. Essa característica é a mais importante, pois os animais baseiam seu comportamento apenas em dois tipos de fontes: 1) na herança genética dos comportamentos da sua espécie e, 2) na sua própria experiência individual.

Se você observar sua própria vida verá como grande parte do conhecimento que você tem do mundo e das coisas ao seu redor é resultante da apropriação do que foi produzido por outros homens ao longo da história da humanidade, como por exemplo, o conhecimento matemático, a utilização do computador ou a apreciação de uma obra de arte. É por meio da linguagem que temos acesso ao que já foi produzido.

Esse processo tem início desde a infância, no decorrer da socialização na família e, posteriormente na escola, quando temos acesso ao conhecimento formal.

Diferentes teorias, contudo, já tentaram explicar as origens da consciência no homem, como é o caso da filosofia idealista, cujo principal representante, Descartes, defendia a tese do dualismo, que reconhecia as diferenças existentes entre os homens e os animais e considerava que a consciência humana era decorrente da espiritualidade.

A segunda tese parte do positivismo evolucionista de Darwin e considera que a consciência decorre da evolução e, nesse sentido, o animal traria em si, de forma embrionária, os elementos necessários para essa mesma evolução, não havendo, pois, limites claros entre homem e animal.



www.pavonerisorse.to.it/.../neolitico.gif

Por fim, a terceira tese defende, contrapondo-se às duas anteriores, que não é na alma, nem tampouco no organismo humano que se deve buscar a origem da atividade consciente do homem, mas nas condições de vida, nas condições sociais historicamente formadas.

Conclui-se, pois, que o desenvolvimento da consciência no homem é produto da atividade coletiva com o emprego de instrumentos e também da linguagem, tópico que vemos a seguir.

3.2.2. Identidade

O tema da identidade é um dos mais importantes para a compreensão do ser humano, que desde os tempos mais remotos vem tentando responder à questão: quem sou eu? Se você parar para refletir um instante, antes de continuar a leitura desse tópico, e tentar responder a esse questionamento, verá que não é tão simples dar uma resposta que seja minimamente satisfatória.

Do mesmo modo, se você estivesse conversando com alguém e essa pessoa fizesse essa mesma questão, ficaria com a estranha sensação de que não disse tudo que poderia

ter dito, pois, ao final, não saberia se o que disse levaria a pessoa a conhecer você realmente. Sua resposta seria tão completa a ponto de não haver nenhum segredo a seu respeito, a não deixar nenhuma dúvida sobre quem você é ou sobre como pode agir e sentir em alguma situação? Se você pensar bem, terá certeza de que a resposta a esses questionamentos seria não.

Na verdade, a questão da identidade é tão relevante que é um tema constante no nosso cotidiano, pois respondemos com nossas ações diariamente a essa questão. Você pode observar a relevância desse tema também por considerar que tem sido debatido em diferentes áreas, tais como a Filosofia, a Sociologia, o Direito e a própria Psicologia, só para citarmos algumas. Esse tema também está presente no âmbito familiar, na instituição escolar, enfim, nas mais diferentes instituições tanto públicas quanto privadas.

A identidade é tão importante que é explorada no cinema, no teatro, nas telenovelas, na literatura, nos programas de humor. Os super-heróis sempre têm uma identidade secreta. Você já percebeu esse fato? É só pensar nas últimas novelas/filmes que você assistiu para perceber que havia sempre uma personagem cuja identidade não era revelada, ou, em outros casos, que imaginava ser alguém que não era de fato. Normalmente a descoberta leva a uma **crise de identidade**, pois tudo que pensava que sabia a seu respeito passa a não ser verdade. É possível também que se descubra que se estava enganado sobre a identidade de outra pessoa e isso termina por desencadear inúmeros processos psicológicos.

A identidade do outro reflete na minha e a minha na dele, afinal sou quem sou em função do outro. Nosso maior medo é perder a nossa identidade, como ocorre na loucura, por essa razão as piadas sobre pessoas insanas muitas vezes envolvem a suposição de que o louco é outra pessoa, como Napoleão Bonaparte etc. Tememos perder nosso referencial, nos tornarmos outro, diferente de nós mesmos. Nesse caso, o louco é o nosso outro, assim como nós somos o louco do outro. Como afirma o ditado popular: “de médico e de louco, todo mundo tem um pouco”.

Ciampa (1984), eminente teórico brasileiro, criou a teoria da identidade que estamos discutindo. Para ele, quando falamos de nós mesmos é como se estivéssemos narrando

uma história, como se fossemos personagens de um enredo. Em função disso, ele questiona: somos autores da nossa própria história ou apenas personagens? O que você acha? Na verdade, somos tanto autores quanto personagens da nossa própria história, que criamos com as nossas escolhas diárias, a partir das nossas preferências, dos nossos sonhos, dos nossos desejos. Mas, é uma criação coletiva por que o outro faz parte dessa história.

Na verdade, a nossa identidade se constrói ao longo do tempo, mas para termos uma idéia de como isso ocorre é importante ressaltar um dos aspectos que ajudam a definir a identidade: a noção de igualdade e diferença. Assim, ao nascermos o fazemos em um determinado continente, em um dado país, em uma região, em uma cidade, em um bairro, em uma família. Tudo isso nos iguala e nos diferencia de outras pessoas, ou seja, somos o que somos a partir dos grupos aos quais pertencemos.

O primeiro grupo é a família e, neste, essa noção já se estabelece, pois temos um sobrenome que nos iguala aos outros da nossa família e um nome que nos diferencia. E assim por diante, dependendo das escolhas que fazemos, por exemplo, sou flamenguista, psicóloga, professora. A partir dessas escolhas, ou seja, aquilo que fazemos nos diz quem somos. Logo, nossas ações são outra noção da identidade. Nesse sentido, ao agirmos nos tornamos algo.

Aliado a isso, podemos perceber que há na identidade uma parte que permanece constante, imutável, não importa o quanto o tempo passe, sempre seremos brasileiros, por exemplo. É essa parte que permanece igual que permite que nós mesmos nos reconheçamos e que os outros nos reconheçam também. Mas isso não nos torna imutáveis. É o que veremos a seguir.

Não obstante tal fato há uma parte de nós que está também em permanente transformação, pois à medida que vivemos e temos outras experiências, nos modificamos, às vezes sem percebermos. Algumas mudanças são previsíveis, como terminar os estudos, casar, ter filhos etc.; outras não, como o caso da amiga de infância que se torna garota de programa ou do amigo que se torna homossexual. Quando isso acontece, tendemos a dizer que sempre observamos um comportamento estranho nela, ou seja, o que não é valorizado socialmente está sempre “dentro” do outro; em



http://www.aninkmarink.blogspot.com.br/mafalda_foto.gif

nós só estava dentro o que era valorizado socialmente e tendemos a dizer que sempre fomos assim. Essa avaliação nada mais é do que um julgamento de valores, decorrente da convivência em determinados grupos em uma determinada sociedade.

Outro aspecto que caracteriza a identidade é seu caráter temporal, restrito a um determinado momento, por exemplo, ao dizer sou professor (tornei-me professor), me são atribuídas características específicas, quase “imutáveis”, o que não é verdade absoluta. Ser professor traz implícita também a idéia de ser aluno, papel que desempenhei e do qual adquiri noções do ser professor. Da mesma forma, quando você diz que é pai, o é em relação ao seu filho, mas é filho em relação ao seu pai. Ser pai biologicamente não o faz pai, embora a sociedade o identifique como tal, o que assegura a você uma identidade, mas não podemos esquecer que você também é filho, daí a impossibilidade de o ver de forma estática, estagnada. Afinal, você é produto de múltiplas determinações no decorrer da sua vida.

Concluímos, pois, que a identidade é resultante das relações sociais que estabeleço com os diversos grupos de que faço parte, mas nunca está pronta, acabada, finalizada. Na verdade, está em constante processo de mutação, metamorfose.

O próximo tópico apresenta os processos que atuam na mediação do psiquismo.

PARA SABER MAIS

<http://www.marxists.org/>

www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a09.pdf

3.3 – Processos mediadores na constituição do psiquismo: linguagem e emoções.

3.3.1 Linguagem

A linguagem é o sistema simbólico humano por excelência e a segunda condição para o desenvolvimento da

consciência no homem, de acordo com a teoria histórico-cultural.

Nesse sentido, enquanto sistema de signos que serve como meio de comunicação, designa objetos, qualidades, relações, ações, em diferentes níveis de complexidade. É a partir da linguagem que o homem consegue transmitir às gerações precedentes o conhecimento acumulado pela humanidade.



<http://www.super.abril.com.br>

Entre os animais pode haver formas de comunicação, formas de expressar situações vivenciadas, como avisar ao bando sobre a presença de um inimigo, mas não a linguagem estruturada desenvolvida pelo homem.

Assim como a consciência, a origem da linguagem foi objeto de várias teorias. A primeira delas a coloca como sendo decorrente do campo espiritual, ou seja, sua origem seria divina.

A segunda teoria tem por base o naturalismo e defende que a linguagem é resultante da evolução do mundo animal, do qual seriam exemplos primários as formas de comunicação existentes entre os animais.

Por fim, a teoria histórico-cultural considera que a linguagem tem origem nas relações sociais que se criaram a partir do trabalho, que levou os homens a terem necessidade de se comunicar entre si.

Para os defensores dessa teoria, o desenvolvimento da linguagem provocou mudanças na atividade consciente do homem, sendo que a primeira delas diz respeito ao fato de que ao designar os objetos, o homem passou a discriminá-los e, assim, dirigir-lhes a atenção e conservá-los na memória. Ou seja, isso permitiu que o homem adquirisse a representação mental, interna dos objetos e, a partir daí, poder pensar mesmo na ausência dos objetos.

A segunda alteração essencial foi possibilitar que o homem desenvolvesse a capacidade de abstração e de generalização, tendo em vista que as palavras designam objetos em todas as suas variações, como por exemplo, a palavra relógio. Nesse sentido, o homem pôde classificar e analisar os objetos e comunicar-se com os outros homens de diferentes gerações.

Por fim, a linguagem tem também o papel de transmissão de informações, possibilitando a assimilação da história sócio-cultural da humanidade e, em função disso, adquirir conhecimentos, habilidades que não seriam possíveis se este vivesse isolado. Por essa razão, é que é admissível afirmar que se uma criança fosse criada longe de outros seres humanos, sua condição se aproximaria da dos animais. Um exemplo é o caso de Victor de Aveyron, menino que foi encontrado na Floresta de Aveyron no século XIX, que sem ter tido contato com seres humanos não havia desenvolvido habilidades, características humanas. Embora atendido por Jean Itard, médico considerado um dos pioneiros no atendimento a crianças com deficiência, não apresentou um desenvolvimento normal, pois o período mais importante para o aprendizado da criança são os primeiros três anos de idade.

A linguagem tem especial relevância para a formação dos processos psíquicos, em particular a memória, a atenção, a imaginação e a percepção.

No caso da memória, a linguagem permite ampliar os processos mnemônicos não apenas no que diz respeito ao volume de informações, mas também na qualidade destas, possibilitando ainda que o homem recupere informações do passado consideradas relevantes e que estavam armazenadas.

A atenção humana diferentemente do que ocorre com os animais, cujo comportamento é guiado por motivos biológicos e em função dos estímulos que despertam seu interesse seja em função da novidade ou pelo valor biológico em si mesmo, é conscientemente dirigida. Um exemplo é o processo de socialização, no qual ensinamos a criança a nomear os objetos, até que em determinado momento, ela já não precisa mais desse auxílio, pois interiorizou o discurso.

No que se refere à percepção, a linguagem ajuda o homem a associar a forma, o objeto ou a cor a uma palavra, selecionando os traços essenciais que permitirão a discriminação posterior e o aprofundamento da percepção.

A linguagem também inventa um mundo novo para o homem, através da imaginação, permitindo que ele se desligue do contexto imediato e crie, inove.

De fato, a maior contribuição da linguagem refere-se ao desenvolvimento das formas complexas de pensamento abstrato e generalizado, que possibilitou a transição da humanidade do aspecto meramente sensorial para o racional.

Por último, a linguagem também atua nas emoções, conduzindo a um novo patamar, igualmente distinto daquele experienciado pelos animais que se fixam nas reações afetivas expressas em função de motivos biológicos, ao passo que o homem supera o limite das reações imediatas e dá um colorido especial ao seu mundo interior, a partir das vivências que tem, as quais não estão dissociadas do pensamento, como vimos no tópico acerca da subjetividade. Veremos a seguir, em maior profundidade o papel das emoções como mediadoras.

3.3.2 Emoções

Na história da sociedade ocidental, desde os primórdios, é possível verificar que as emoções sempre foram desvalorizadas em relação à razão, em função do interesse pelo progresso, pelo desenvolvimento da ciência e de novas tecnologias. Acreditava-se então que as emoções tendiam a prejudicar o processo de evolução humana, pondo em risco a própria sobrevivência da espécie.

Na verdade, a dicotomia entre emoções e razão se devia ao fato de que era necessário exercer controle sobre os indivíduos, de modo que a expressão das emoções punha em risco essa manipulação. Era imprescindível que as regras e normas da sociedade fossem obedecidas. As emoções deveriam ficar restritas ao âmbito familiar e canalizadas para as artes, de modo geral.

Atualmente, as emoções vêm sendo resgatadas, ocupando um lugar que sempre lhes foi negado. São múltiplos os exemplos dessa recuperação das emoções na nossa sociedade, como as discussões existentes nas mais diferentes áreas do conhecimento, as quais também geram novos produtos que saciam uma multidão ávida por novas emoções, em um mundo tão ameaçado pela violência, pela valorização exacerbada do individualismo.



<http://rockonwaves.blogspot.com/2006/04/emoes.html>

No entanto, faz-se necessário que saibamos reconhecer que por trás desse súbito interesse pode estar oculta a tentativa de manipular, de controlar os indivíduos, como por exemplo, os diversos cursos destinados a ensinar os dirigentes de empresas a tratarem bem seus subordinados, pois isso reverterá em lucro garantido.

Mas, afinal, o que são as emoções? A resposta a essa questão é fundamental para que possamos continuar. Entretanto, ao invés de apresentar o conceito de emoções, você vai descobrir primeiro o que não é emoção. Assim, emoção não é sensação. Essa é uma distinção lingüística, pois costumamos confundir emoção com sensação, pois essa última é o que recebemos a partir dos sentidos, como por exemplo, ao dizermos: estou sentindo frio, calor, dor etc. Nesse caso, frio, calor são meramente sensações, mas podem causar emoções, como ficar triste por estar sentindo dor.

As emoções diferenciam-se também dos estados de ânimo e das disposições emocionais, pois os primeiros referem-se a um período relativamente extenso em nossas vidas, no qual somos tomados por um estado de tristeza ou de alegria, por exemplo. Já a disposição emocional diz respeito a um traço de personalidade, ou seja, é uma característica da pessoa e, nesse sentido, pode durar toda uma vida. Um exemplo é afirmar que uma pessoa é otimista, extrovertida etc.

Outra distinção deve ser feita entre emoção e avaliação, como no caso em que afirmo que fulano tem sentimento de inferioridade, o que de fato caracteriza-se como uma avaliação, pois inferioridade não é sentimento, pode levar a pessoa a ter um tipo de sentimento, como raiva, tristeza etc.

De igual modo, não podemos confundir emoção com distúrbios como depressão, fobia ou paranóia, pois estas são reações patológicas geradas por problemas específicos.

Por fim, o que significa emoção? Podemos afirmar que a emoção é uma reação imediata, intensa e passageira que envolve o corpo inteiro da pessoa, sendo que o que a causa, muitas vezes, é reconhecido de forma imediata. Em outras situações não. Isso ocorre por que às vezes sentimos emoções que não entendemos, pois sua origem é inconsciente. Por exemplo, ao assistir a um filme, podemos começar a chorar sem entender bem por quê. Provavelmente, alguma

cena despertou em nós uma lembrança reprimida, uma emoção já vivenciada.

Em todo caso, a emoção se diferencia dos sentimentos por que esses são duradouros, não imediatos e não envolvem o organismo de forma global. As emoções seriam instintivas, inconscientes, filogenéticas (relacionadas à espécie), ao passo que os afetos seriam aqueles sentimentos que podemos nomear, pois são conscientes e sabemos exatamente o que significam e qual a sua origem.

Filogênese diz respeito à escala evolutiva das espécies e ontogênese refere-se ao desenvolvimento de um indivíduo.

Um exemplo vívido de emoção é o que sentimos quando estamos apaixonados por alguém. Ao encontrarmos essa pessoa, nosso coração dispara, as mãos ficam suadas, sentimos um frio na barriga, perdemos o jeito, o eixo, o norte, nos perdemos... Trata-se de uma reação global, todos os nossos sentidos ficam aguçados. Por outro lado, quando já estamos namorando há algum tempo com a pessoa, essas reações orgânicas não são tão intensas, pois vão gradativamente se transformando em um sentimento mais sereno, que nos embala, um calor no peito que conforta, que nos faz sentir vivos, mas de outra forma, suave.

E quanto à repressão das emoções, o que pode provocar? Uma área da Psicologia denominada psicossomática busca responder a essa questão, demonstrando que muitas vezes, ao reprimirmos o que sentimos, adoecemos. Existem inúmeros exemplos que podem ilustrar essa afirmação, como a gastrite, a dor de cabeça, enfartes, a hipertensão e, até mesmo o câncer, que estaria vinculado à mágoa. O fato é que emoções negativas, como o medo podem gerar desde a ansiedade, angústia até uma diminuição das defesas do sistema imunológico, nos deixando à mercê de doenças.

Outro aspecto importante a ser enfatizado diz respeito ao fato de que as emoções são muitas vezes utilizadas de forma sutil pelas diferentes instituições para adaptar, adequar os indivíduos aos interesses dominantes. Vejamos alguns exemplos. Na política utilizam-se diferentes recursos para nos atrair pela emoção. Quem ainda não viu um candidato abraçando uma criança no período das eleições? A Igreja também adota determinados rituais para nos sensibilizar, como em um casamento, por exemplo.

O processo de socialização é fundamental para compreender como vivenciamos as emoções, pois os pais são o



br.geocities.com/lcp.br/a/cerebro.JPG

primeiro modelo que influenciarão decisivamente o modo como as expressamos. A educação é vital para o desenvolvimento cognitivo e também afetivo, pois não se dissociam esses dois processos.

Nesse sentido, vários estudos nas áreas de Neurologia e Neuropsicologia vêm mostrando a relevância das emoções para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, como a imaginação, que possibilita o desenvolvimento da criatividade, essencial nos dias atuais e que não se restringe á produção de obras de arte, mas deve ser exercida no cotidiano.

Assim, finalizamos mais uma unidade. Esperamos que os conhecimentos que você adquiriu possam ser transmitidos e que você tenha compreendido a importância de considerar estes temas em uma perspectiva sócio-histórica.

Unidade 4

Desenvolvimento humano e as implicações para a educação

Resumo

Nesta unidade estudaremos o desenvolvimento humano, de forma a apreender seu caráter dinâmico, seus princípios e características gerais. Você irá perceber que este conteúdo envolve temas que também são objeto de estudo da biologia, da medicina e de outras disciplinas e cada uma delas têm contribuições importantes a dar a esse campo do conhecimento humano. Nessa perspectiva, é um tema de enorme relevância para o educador e, embora alguns tópicos possam ser familiares, há outros que você irá considerar novos. Um dos tópicos será constituído pelas teorias de Freud, Erikson, Piaget e Wallon, os quais apresentam uma visão diferenciada desse processo.

Sumário

UNIDADE 4: Desenvolvimento humano e as implicações para a educação	66
4.1 O processo de desenvolvimento humano.....	66
4.2 Concepções do desenvolvimento humano	66
4.3 Fatores do desenvolvimento humano	69
4.3.1 – Hereditariedade e Meio	70
4.3.2 Maturação e Aprendizagem	72
4.3.4 Princípios do desenvolvimento	73
4.4 Teorias do desenvolvimento humano	76
4.4.1. Teoria Psicosexual de Sigmund Freud	76
4.4.2 Teoria psicossocial de Erik Erikson	81
4.4.3 Teoria do Desenvolvimento cognitivo de Jean	85

UNIDADE 4: Desenvolvimento humano e as implicações para a educação

4.1 – O processo de desenvolvimento humano

Ainda que o interesse pelo desenvolvimento humano remonte aos filósofos da Antiguidade, como Aristóteles, por exemplo, o estudo mais aprofundado desse tema ocorreu a partir do século XX, em função do interesse que alguns pesquisadores desenvolveram em relação ao estudo da criança e do adolescente. Entretanto, não se deve identificar essa área da Psicologia com a Psicologia da Criança ou do Adolescente, pois o desenvolvimento não se restringe a determinadas faixas etárias, mas se estende por um longo período, o que diferencia a Psicologia do desenvolvimento de outras áreas dessa ciência.

O desenvolvimento humano envolve todas as transformações por que passa um organismo desde o momento da concepção até a morte, sendo caracterizado pelo progresso crescente em função da aquisição de novas habilidades num processo contínuo. Cabe ressaltar que há diferença entre crescimento e desenvolvimento, tendo em vista que o primeiro diz respeito especificamente ao aumento de massa muscular, sendo englobado pelo segundo, que é um processo mais amplo.

Podemos conceituar **desenvolvimento como processo pelo qual o indivíduo constrói ativamente suas características, a partir das relações que estabelece com o meio (objetos) e com outros seres humanos.**

Algumas considerações devem ser feitas antes que possamos dar continuidade à análise do desenvolvimento. Assim é importante compreender que tanto a periodização do desenvolvimento em fases e estágios quanto a divisão em aspecto motor, social, intelectual e afetivo são meramente didáticas, por que a criança se desenvolve como um todo.

4.2 – Concepções do desenvolvimento humano

É possível identificar três concepções acerca do desenvolvimento humano, sendo que cada uma delas se baseia em pressupostos filosóficos diferentes.

A primeira, denominada **Inatismo**, considera que o homem nasce pronto e que o meio ambiente não tem nenhuma influência sobre este. Ou seja, a personalidade, os valores, as emoções e mesmo a forma de pensar já estariam quase prontas ao nascimento. A base filosófica dessa posição é o **racionalismo**.

A origem dessa concepção pode ser encontrada na Teologia, segundo a qual, ao nascer, o bebê já traria consigo as determinações da graça divina, de modo que o ambiente e, em especial o ensino, em nada contribuiriam para seu desenvolvimento.

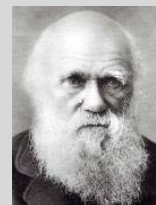
Esta posição também tem origem na compreensão errônea da Teoria da Evolução de **Darwin** e da Embriologia.

Darwin defende que as mudanças que ocorrem nas espécies ao longo do tempo são graduais e cumulativas e decorrem de variações hereditárias, permitindo que haja uma adaptação ao ambiente. Nesse sentido, a influência do meio seria muito limitada. É bastante conhecida a afirmação de que só os mais fortes sobrevivem, pois são capazes de melhor se adaptar ao ambiente.

A aplicação dessa teoria ao desenvolvimento humano provocou um enorme equívoco, pois não se levou em consideração que o ambiente tem importância fundamental nas modificações por que passam os seres vivos, ainda que não seja capaz de provocar modificações que sejam transmitidas para as próximas gerações. Além disso, não se levou em conta a experiência individual do homem, completamente diferente daquela de organismos inferiores.

As primeiras descobertas da Embriologia também deram força ao inatismo, pois naquela época acreditava-se que o desenvolvimento do embrião ocorria em um ambiente fisiológico relativamente estável, livre de influências externas. Na verdade, hoje é plenamente reconhecido que a criança vivencia o que a mãe vive. Um exemplo é o fato de que se a mãe sofre muito estresse na gravidez, se se alimenta mal ou padece de algum sofrimento psicológico provocado por conflitos conjugais, esses fatores irão influenciar no desenvolvimento do bebê que pode, inclusive, nascer com baixo peso, desnutrido e irritadiço.

O racionalismo considera que o homem obtém o conhecimento a partir de idéias inatas que estariam presentes nele desde a sua origem e que o capacitam a compreender todas as coisas do mundo, a partir da dedução.



Darwin
<http://www.darwin.ie/>

Para saber mais sobre a teoria da evolução:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin

Essa concepção tem claras implicações para a educação, pois desconsidera o papel do professor, uma vez que nada que ele possa fazer vai influenciar no aprendizado do aluno. Trata-se de uma visão pessimista do homem, que desconsidera a relevância do meio nos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Ditados populares que expressam bem essa concepção são: “Pau que nasce torto, morre torto” e “O líder nasce pronto”.



John Locke
<http://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/empirismo.htm>

Concepção Ambientalista

Essa concepção difere da anterior por atribuir ao meio ambiente toda a responsabilidade quanto ao desenvolvimento e à aprendizagem, negando o papel da hereditariedade.

Sua base filosófica é o **empirismo** de John Locke, o qual enfatiza a experiência sensorial como fonte do conhecimento, ou seja, para conhecer o homem precisa experimentar as coisas do mundo. Para Locke, a mente do homem ao nascer pode ser comparada a uma **tabula rasa**, ou seja, está em branco e somente as experiências que ele tem ao agir no meio ambiente é que irão constituir seu conhecimento.

Na Psicologia, o empirismo deu origem ao Behaviorismo, que você já estudou anteriormente.

As implicações dessa concepção para a educação foram muitas. Em primeiro lugar, destaca-se que o professor foi novamente valorizado. Além disso, há uma maior preocupação com o planejamento do ensino e uma ênfase nos fatores externos, com a utilização de reforçadores, como o elogio, por exemplo, para estimular a criança a aprender.

Não obstante essas contribuições, a concepção ambientalista produziu também efeitos negativos para a prática educacional, por enfatizar demasiadamente a tecnologia e negligenciar a reflexão acerca do objeto de estudo. Além disso, o professor passou a ser demasiadamente diretivo, desmerecendo o conhecimento que os alunos tinham.

Outro ponto negativo presente nessa concepção é a visão de homem como um ser passivo, que apenas reage aos estímulos ambientais e que pode ser manipulado apenas com leves mudanças no contexto. Alguns ditados que ilus-

Para saber mais sobre o empirismo:
<http://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/empirismo.htm>

tram essa concepção são: “Dize-me com quem andas e te direi quem és” e “A roupa faz o homem”.

Concepção Interacionista

Essa concepção destaca que o meio ambiente e a hereditariedade influenciam-se reciprocamente, de modo que dessa inter-relação decorrem mudanças no indivíduo.

Nesse sentido, o conhecimento obtido pela criança é resultante da interação desta com os objetos e com os outros seres humanos, em um processo contínuo e permanente. A criança constrói o seu conhecimento durante toda a vida.

A visão de homem é a de um ser ativo que ao atuar sobre o meio, o modifica, ao mesmo tempo em que é por ele modificado.

A seguir serão apresentadas algumas atividades para que você fixe esse conteúdo.

ATIVIDADE

- 01. Na visão inatista, como se desenvolvem as características humanas e qual o papel da educação e do ensino para a formação do indivíduo?**
- 02. Quais as origens da visão inatista?**
- 03. Quais as premissas da visão ambientalista?**
- 04. Qual a origem dessa visão e que escola psicológica a adotou?**
- 05. Quais os méritos dessa visão e quais os aspectos negativos?**

4.3 – Fatores do desenvolvimento humano

Há diferentes teorias que abordam o desenvolvimento e a aprendizagem, assim como a relação existente entre eles de modo distinto.

Nesse sentido, as teorias cuja base filosófica encontra-se no **racionalismo** consideram que a aprendizagem não

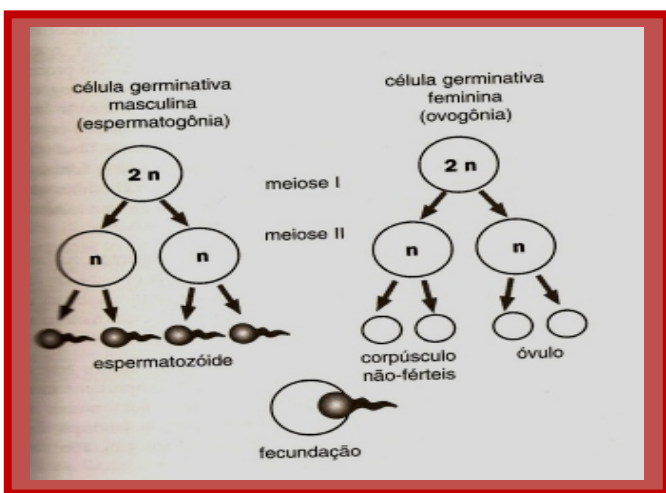
depende do desenvolvimento, sendo um processo externo a este, ao passo que o desenvolvimento é visto como um resultado do amadurecimento de estruturas pré-existentes no indivíduo.

Aquelas teorias cuja base é o **empirismo** vêm desenvolvimento e aprendizagem como processos idênticos que resultam da ação do meio sobre o indivíduo.

Por fim, há as teorias que consideram estes dois processos como complementares, havendo uma influência recíproca entre eles, embora sejam processos diferentes. Compreende-se, portanto, que sujeito e meio reestruturam-se a partir da ação que um exerce sobre o outro. Essa última corrente é a mais aceita atualmente.

Essas últimas teorias consideram a influência de fatores biológicos, maturacionais, hereditários, de aprendizagem e ambiental no desenvolvimento e aprendizagem do sujeito podendo ser divididos, de modo didático, em: hereditariedade e meio e, maturação e aprendizagem.

4.3.1 – Hereditariedade e Meio

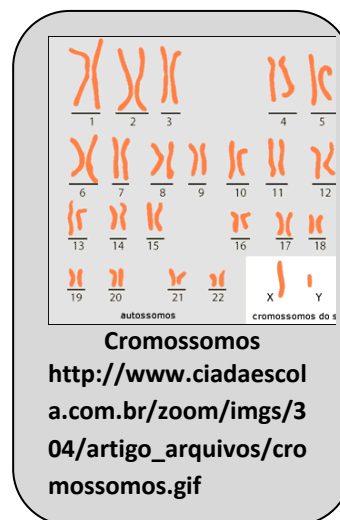


A base da hereditariedade é fundamentada na Biologia e para compreendermos melhor esse fator, iremos rever de forma breve o processo de fecundação.

Fonte: COUTINHO, Maria Tereza da C.; MOREIRA, Mércia. **Fundamentos Psicológicos da Educação**: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação. Belo-Horizonte. Editora Lê. 1987.

O desenvolvimento humano tem início com a fecundação do óvulo pelo espermatozoide. A partir desse ponto há a evolução de um novo ser, ao qual serão transmitidas as características provenientes do pai e da mãe, através dos genes. A essa transmissão dá-se o nome de hereditariedade, processo pelo qual algumas das nossas características físicas são determinadas.

Cada célula possui 46 cromossomos e por ser diplóide ($2n$, possui núcleo celular de estrutura dupla), dizemos que possui 23 pares de cromossomos. Ao amadurecer ela se subdivide (meiose), dando origem à célula haplóide (n) que são os espermatozóides e os óvulos. Essas células são denominadas gametas. Há ainda uma nova divisão (meiose II), na qual o número de cromossomos é mantido igual. O processo final é denominado ovogênese, ou seja, há a formação do óvulo, sendo que cada ovogônia dá origem a apenas um óvulo e a 3 corpúsculos não-férteis. Por outro lado, na espermatogênese, cada espermatogônia dá origem a 4 espermatozóides férteis. Ao final, cada espermatozóide e cada óvulo contribuem com 23 cromossomos para a formação do zigoto.



Os genes transmitem o código genético e são constituídos pelo ácido desoxirribonucléico (DNA). O código genético é denominado genótipo e é responsável pelo material genético que é transmitido pela hereditariedade. Há também o fenótipo que corresponde às características morfológicas e comportamentais do indivíduo e que é influenciado pelo meio físico-geográfico no qual o sujeito vive.

O **meio** pode ser definido como a soma dos estímulos que o indivíduo recebe e com os quais interage, podendo ser dividido em meio intracelular, intercelular e físico-geográfico ou sócio-histórico.

É importante que você compreenda que o ser humano recebe estímulos desde a concepção, ou seja, recebe influência do meio intracelular, que pode ser definido como o ambiente dentro da célula fecundada.

Quanto ao meio intercelular, este diz respeito à relação existente entre as células, determinando o papel de cada célula que irá formar o indivíduo, ou seja, umas constituirão o coração, outras os pulmões etc. O meio físico-geográfico atua após o nascimento da criança e se refere a todos os estímulos externos a que o indivíduo está sujeito.



4.3.2 Maturação e Aprendizagem

Esses dois processos atuam de forma recíproca, assim como a hereditariedade e o meio. No que diz respeito à maturação, pode-se conceituá-la como os padrões de diferenciação que ocorrem no organismo e que dão origem a mudanças seqüenciais e previsíveis no comportamento humano, de acordo com certa ordem.



[http://www.brasilescola.com/upload/e/bebe%20prematuro\(1\).jpg](http://www.brasilescola.com/upload/e/bebe%20prematuro(1).jpg)

Quanto à aprendizagem trata-se de um processo a partir do qual o ser humano apreende o mundo, apropriando-se dele em função das relações que estabelece com o meio ambiente.

Entre os animais predominam os comportamentos decorrentes do processo maturacional, uma vez que seu repertório comportamental depende basicamente deste, sendo que a aprendizagem não tem relevância, em especial entre as espécies mais elementares. O caso do homem é completamente diferente, pois ele depende basicamente da aprendizagem para se desenvolver. A maturação não é, pois determinante, mas os dois processos se inter-relacionam de modo a possibilitar o desenvolvimento. Há poucos comportamentos estritamente maturacionais no ser humano.



Aprendizagem

<http://humanitascpva.blogspot.com/>

Entre os teóricos há, contudo, divergências quanto ao papel da maturação no desenvolvimento. Uma corrente defende que a maturação é pré-requisito para a aprendizagem, que se constrói a partir desse alicerce. Ou seja, para que a aprendizagem ocorra faz-se necessário que o organismo esteja maduro. Um exemplo seria tentar ensinar a uma criança a falar com 6 meses de idade. Nesse caso, a criança não aprenderia porque suas estruturas maturacionais não estariam prontas, nem as mentais, nem as corporais. Logo, considera-se que não haverá aprendizagem se não houver maturação.

A segunda corrente defende que a maturação prepara e estimula a aprendizagem, que por sua vez também exerce influência sobre o processo maturacional. Nesse sentido, o ambiente teria influência sobre a maturação. A maturação é vista como um processo dinâmico que pode ser estimulado para ocorrer de forma mais rápida.

Uma experiência considerada clássica na literatura psicológica foi realizada por Gesell e ilustra o que estamos apontando. Esse estudioso ensinou uma criança a subir e descer escadas antes que ela estivesse pronta para fazê-lo. Esse treinamento durou três meses, até que a criança apresentou um desempenho considerado satisfatório por ele. O passo seguinte foi ensinar a mesma tarefa ao seu irmão gêmeo, que àquela altura já estava mais amadurecido. O mesmo resultado foi alcançado em poucos dias. Essa experiência mostra que o processo maturacional influencia a aprendizagem.

O tópico a seguir trata dos princípios maturacionais que norteiam o desenvolvimento.

4.3.4 – Princípios do desenvolvimento

O desenvolvimento se processa de forma ordenada, seqüencial. A seguir, você verá os princípios que norteiam esse processo.

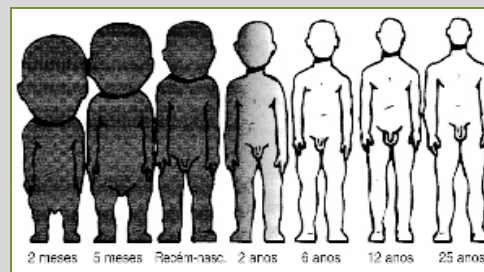
1) **Princípio direcional:** o desenvolvimento ocorre na direção próximo-distal (do centro do organismo para a periferia) e céfalo-caudal (da cabeça para os pés). Ou seja, os órgãos centrais se desenvolvem antes dos membros mais externos. Primeiro a criança adquire o controle do braço, depois do antebraço, das mãos e por último dos dedos.

É possível observar que a cabeça do recém nascido é desproporcional em relação ao resto do corpo, só posteriormente essas partes tornam-se harmoniosas. Primeiro se desenvolve a cabeça e o sistema nervoso, depois o tronco, pernas e pés.

No primeiro mês, a criança já consegue ter o domínio dos olhos e, gradativamente, adquire o controle da cabeça.

2) **Princípio da unidade:** o ser humano se desenvolve como um todo;

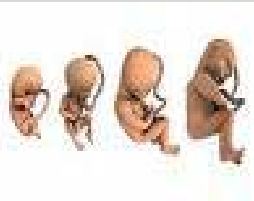
3) **Princípio da assimetria:** o desenvolvimento ocorre de modo diferente em cada lado do



Fonte: COUTINHO, Maria Tereza da C.; MOREIRA, Mércia. Fundamentos Psicológicos da Educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação. Belo-Horizonte. Editora Lê. 1987

corpo;

- 4) **Princípio da inter-relação progressiva:** o desenvolvimento se processa por etapas que apresentam características próprias e são progressivamente mais complexas que as anteriores, sendo que as respostas modificam-se de respostas mais globais (que envolvem todo o organismo) para respostas mais específicas.



<http://lpajaron.blogspot.com/2008/03/psicologa-del-desarrollo-el-principio.html>

Quando, por exemplo, entregamos a uma criança de três anos lápis e papel, podemos observar que ela movimentava o corpo inteiro para usá-los, até adquirir, com o tempo, o controle do braço, antebraço, mão e dedos.

- 5) **Princípio do desenvolvimento contínuo:** embora não obedeça a um ritmo constante e varie de indivíduo para indivíduo, o desenvolvimento ocorre de forma contínua. A cada nova etapa são incorporadas novas habilidades, as quais não são simples somatório das habilidades já adquiridas, mas representam de fato novas possibilidades e maior controle do organismo em relação ao meio ambiente.
- 6) **O desenvolvimento se processa por fases:** cada etapa do desenvolvimento tem suas próprias características, havendo unanimidade entre os teóricos sobre esse fato, ainda que haja diferentes critérios de periodização do desenvolvimento.

Atualmente, há um consenso entre os psicólogos acerca da relação entre desenvolvimento e aprendizagem, pois consideram que esses dois processos se inter-relacionam de modo que há uma influência recíproca.

Gostaríamos que você considerasse ainda a **diferenciação existente entre desenvolvimento e crescimento**. O primeiro se refere a um processo global, qualitativo que abrange o crescimento, ao passo que este último diz respeito apenas ao aspecto quantitativo da evolução humana, ou seja, às mudanças no corpo como peso, altura, perímetro cefálico. Na fase adulta envolve as qualidades decorrentes do domínio sobre o corpo e suas funções, como a agilidade, a destreza e a maior precisão dos movimentos.

O ser humano passa por mudanças que envolvem os aspectos psicológicos, fisiológicos e ambientais, em um processo contínuo e ordenado, de acordo com padrões gerais. Essas mudanças, contudo, apesar de serem invariantes, ou seja, todos os seres humanos passam por elas na mesma ordem, mas cada criança segue seu próprio ritmo, umas mais rápido do que as outras. São exemplos dessa ordem o fato da criança sentar, engatinhar e só depois andar, ou ainda, balbuciar antes de falar.

Entretanto, o crescimento não se refere apenas ao aspecto biológico, pois sofre, como o desenvolvimento, os efeitos do ambiente sócio-cultural no qual a criança está inserida. Ou seja, além de ser uma consequência das trocas entre organismo e meio. A composição química do meio, os alimentos, a temperatura e a luz contribuem para o crescimento.

Nesse sentido, podemos concluir que o desenvolvimento e o crescimento são processos inseparáveis, mais distintos. O desenvolvimento se dá por toda a vida do indivíduo, ao passo que o crescimento tem o seu ápice quando a maturação biológica é alcançada. Nesse sentido, nem sempre a curva do crescimento coincide com a do desenvolvimento.

O próximo tópico abordará algumas teorias que sistematizaram o desenvolvimento por fases, mas antes você fará uma atividade.

ATIVIDADE

- 01. Quais os fatores do desenvolvimento humano?**
- 02. O que é hereditariedade?**
- 03. O que significa meio para a psicologia?**
- 04. Explique a relação entre maturação e aprendizagem.**
- 05. Qual a diferença entre crescimento e desenvol-**

Para saber mais

http://www.geocities.com/lourdes_mimura/desenvolvimento/distincoes.html

http://www.pgie.ufrgs.br/alunos_espie/espie/soniam/public_html/maturi.htm

4.4 – Teorias do desenvolvimento humano

Conforme já afirmamos anteriormente, o desenvolvimento humano se processa por fases e a compreensão de como este ocorre depende da visão de mundo, de homem e dos pressupostos epistemológicos nos quais se baseiam os teóricos.

4.4.1. – Teoria Psicosssexual de Sigmund Freud

Você deve lembrar que na Unidade I falamos um pouco sobre a obra desse pensador, a Psicanálise, mas propositalmente excluímos sua teoria acerca do desenvolvimento humano por consideramos que seria mais apropriado falarmos sobre ela nessa unidade, referente ao desenvolvimento.

Freud ao investigar as patologias da mente descobriu que a maior parte dos desejos reprimidos estava no plano inconsciente dando origem a conflitos que se relacionavam com a sexualidade, em especial a sexualidade infantil, ou seja, aos primeiros anos de vida da criança. Para ele, esses conflitos de ordem sexual estavam na base dos problemas apresentados pelos indivíduos na vida adulta.

A afirmação de que a sexualidade tinha origem a partir do nascimento provocou enorme polêmica na época porque se acreditava que a criança era absolutamente inocente e que sexualidade só se desenvolvia na adolescência.

Além disso, ao afirmar essa possibilidade, Freud desvincula a sexualidade da reprodução, ligando-a ao prazer, o que era inadmissível do ponto de vista religioso e moral. Outra polêmica se deu em função do fato desse autor conside-



Freud

www.universidadefala-da.com.br/.../pg/

rar que a sexualidade se desenvolvia dessa forma tanto no homem quanto na mulher, o que redundaria em mais críticas.

Em sua obra “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), esse autor elabora sua teoria sobre o desenvolvimento psicosexual, afirmando que a criança encontra prazer no próprio corpo, sendo que nesse primeiro momento a sexualidade encontra-se vinculada à sobrevivência.

Nesse ponto surge um dos conceitos mais importantes na teoria de Freud, o de **libido**, vista como a energia afetiva original que, no curso do desenvolvimento, sofre progressivas organizações decorrentes das diferentes etapas do desenvolvimento biológico. Em outras palavras, a libido é a energia que mobiliza o indivíduo na busca de prazer e que se desloca pelo corpo a cada nova fase evolutiva, focalizando-se no que Freud denominou **zonas erógenas**. Assim, cada nova organização dará origem a uma etapa do desenvolvimento.

As zonas erógenas foram definidas por Freud como sendo a boca, o ânus e os órgãos genitais.

Em função dessa organização, a libido dará origem a três fases do desenvolvimento infantil: oral, anal, fálica, de modo intermediário, a latência e, por último a fase genital, já na vida adulta.

Nesse sentido, assim como outros teóricos, ele pensou o desenvolvimento humano se realizando por meio de etapas sucessivas e ordenadas, dando **ênfase aos aspectos maturacionais**, em especial a dois processos, sobre os quais iremos comentar com você. Os processos ambientais também são considerados, mas numa perspectiva bem mais restrita.

O primeiro processo refere-se ao desenvolvimento psicosexual, no qual a gratificação libidinal dará origem às fases apontadas anteriormente e, o segundo diz respeito à maturação do ego, processo pelo qual se estabelece a diferenciação deste do restante da personalidade do recém-nascido e, simultaneamente, fortalecimento do princípio de realidade e surgimento dos mecanismos de defesa. Pode-se relacionar então, o desenvolvimento psicosexual à maturação da vida afetiva e o desenvolvimento do ego com a maturação cognitiva. Os estágios do desenvolvimento sexual serão descritos a seguir.

Estágio oral

O primeiro estágio descrito por Freud é o oral que tem início no nascimento e se estende por todo o primeiro ano e meio de vida da criança. A criança nasce com um conjunto de reflexos inatos como os de defesa, posturais e de alimentação que garantem sua sobrevivência nos primeiros meses, mas é quando mama que sente imenso prazer, tanto é assim que podemos facilmente observar o quanto se acalma quando lhe damos a chupeta e, em alguns momentos, durante o sono, faz movimentos de sucção com evidente satisfação.

Nesse sentido, é na fase oral que se estabelece o primeiro vínculo afetivo da criança, que será a base para as futuras relações que ela estabelecer com as outras pessoas. A boca é também a primeira forma que a criança tem de conhecer o mundo, de modo que é comum observar, nessa fase, a criança levar tudo que pega à boca.

Diz-se que há fixação quando a energia libidinal exerce maior influência em uma zona erógena específica.

Esse estágio se divide em dois subestágios: **autoerótico (ou oral passivo)** e **oral-sádico (ou oral ativo)**. O primeiro caracteriza-se pelo **receber**, uma vez que a criança apenas recebe o que lhe é dado, processo que é denominado **incorporação**. Recebe essa denominação porque a criança ainda não se vê como indivíduo separado da mãe e seu papel é extremamente passivo. Tem início ao nascimento e se estende até aproximadamente os oito meses. Nesse período, a energia libidinal encontra-se na boca, na língua e nos órgãos sensoriais. A **fixação** nessa fase dá origem na vida adulta a um comportamento extremamente dependente.

O segundo subestágio caracteriza-se pelas ações de morder e mastigar, sendo que os dentes, a mandíbula e os órgãos sensoriais é que concentram a energia libidinal. Os dentes representam a primeira expressão de agressividade na criança. Esse subestágio costuma se estender até os dezoito meses de vida da criança e coincide com o período da dentição. O Id reina absoluto nessa fase, mas o ego já começa a se desenvolver.

Estágio anal

O segundo estágio é assim denominado porque a energia libidinal se desloca da boca para o ânus, nádegas e esfíncteres. Tem início no segundo ano de vida da criança, se estendendo até o terceiro ano. Nesse período, a criança já adquiriu certo controle sobre o aspecto psicomotor, começando a engatinhar e a andar, sendo que os pais dão início ao treino para o controle dos esfíncteres.

É um momento de conquistas para a criança, pois também é o começo do desenvolvimento da fala mais articulada, o que representa para ela uma nova forma de se apropriar do mundo, mesmo que se apresente ainda muito dependente dos adultos. A aproximação de estranhos pode inibi-la, de modo que se volta para a mãe em busca de proteção, deixando de andar ou de falar se não se sentir segura.

Nesse período, a criança desenvolve a fantasia de que produz seus primeiros produtos, que pode negar ou oferecer ao mundo. A obtenção de prazer se dá, portanto, na eliminação de fezes e urina (**anal-sádica**) ou na sua retenção (**anal-erótica**). Se você observar o treino para o uso do troninho por que passa uma criança nessa fase, verá que os adultos costumam elogiá-la, dar parabéns, enfim há um todo um ritual que visa garantir que ela faça uso dele com frequência. Por essa razão, a criança vê nesse “produto” que sai do seu corpo, uma forma de controlar os pais, de modo que pode se recusar a usar o troninho e se sujar se assim o quiser.

Na vida adulta, pessoas plenamente normais apresentam também rituais quando fazem uso do banheiro, como por exemplo, ler revistas, ouvir música ou, até mesmo, dar uma olhadinha antes de dar descarga.

Estágio fálico

No terceiro estágio, a organização da libido se dá nos órgãos genitais. Esse estágio tem início por volta do terceiro ou quarto ano de vida da criança e é comum que ela desenvolva curiosidade acerca do sexo, sendo corriqueiras as perguntas acerca da gravidez e das diferenças entre os sexos, assim como a manipulação dos órgãos genitais e as brincadeiras com crianças de outro sexo, mesmo com a pro-

ibição dos pais ou outros adultos. A forma como os pais lidam com a sexualidade é vital para que a criança não desenvolva os sentimentos de culpa e vergonha.

Nesse período, as crianças não têm consciência da existência dos órgãos genitais femininos, havendo a fantasia por parte delas de que nas meninas o pênis ainda irá se desenvolver. Apenas quando essa fantasia se desfaz é que Freud afirma que a menina desenvolve um sentimento de inferioridade e o menino de superioridade. Por essa razão, esse último passa a temer a castração.

No curso do desenvolvimento, o relacionamento com a mãe é mais marcante, pois somente depois é que o pai passará a ter um papel mais íntimo com os filhos. Nessa fase, a tarefa primordial é a organização das relações entre homem e mulher, o que ocorre a nível de fantasia nas crianças.

É nesse processo que se estabelece o **Complexo de Édipo**, pois a criança sente-se atraída pelo genitor do sexo oposto. No caso do menino essa atração se mistura ao temor da castração. Em função desse conflito e da ansiedade decorrente, a solução psicológica encontrada é a identificação com o pai, de modo a adquirir suas características. É a partir dessa etapa que se desenvolve o superego, que conclui essa fase.

No caso da menina, o processo é o mesmo, mas sob esse aspecto, a teoria freudiana vem recebendo muitas críticas, pois por ser uma teoria de cunho profundamente autobiográfico, Freud não desenvolveu bem esse tópico.

Estágio de Latência

Após a resolução do Complexo de Édipo, surge um período de calma no qual a criança com idade entre cinco e dez anos, volta seu interesse para a escola e os amigos. É uma fase em que os aspectos sociais, morais e cognitivos adquirirão maior evidência. Na visão de Freud, contudo, a latência não constitui um estágio propriamente dito, pois não há nova organização da energia libidinal. É um momento em que o Ego passa a exercer maior controle sobre a personalidade.

É importante ressaltar a relevância da família e da escola nesse período, pois estas exercerão uma profunda in-

fluência sobre a personalidade do indivíduo. O desenvolvimento de um autoconceito positivo é essencial para o crescimento saudável da criança.

Estágio Genital

Esse estágio ocorre na adolescência, quando o processo maturacional provoca modificações decisivas tanto corporais quanto intelectuais. É um período em que o instinto sexual volta a se manifestar com intensidade, só que desta vez a libido não mais se direciona para uma zona específica do corpo do adolescente, como ocorreu nas fases oral, anal e fálica, mas dirige-se para o exterior, para outro indivíduo.

A conclusão desse processo indica que o adolescente alcançou a maturidade sexual, ou seja, está pronto para a reprodução, no que diz respeito ao aspecto fisiológico, e para vivenciar o prazer sem culpa e sem neuroses, se seu desenvolvimento foi tranquilo em todas as fases.

ATIVIDADES

- 01. Quais as fases do desenvolvimento psicosssexual, segundo Freud?**
- 02. Explique a fase oral.**
- 03. Como se divide a fase anal?**
- 04. O que ocorre com a criança durante a latência?**
- 05. Como se caracteriza a fase genital?**

Antes de apresentarmos a você a teoria de Erikson, explicaremos porque ele adotou o termo psicossocial para denominar sua teoria. Essa opção se deu porque ele considerava que os estágios pelos quais uma pessoa passa ao longo da vida sofrem uma influência social determinante aliada à maturação do organismo em seus aspectos físico e psicológico.



Erik Erikson

<http://www.mc.maricopa.edu/dept/d46/psy/dev/Fall98/Theories/Psychology.html>

É importante também que você saiba quem foi Erik Erikson. De fato, poderíamos denominá-lo de pós-freudiano, uma vez que ele entrou para a psicanálise (era formado em Artes) a partir de Anna Freud, filha de Freud, especializando-se na infância e na adolescência e, posteriormente, realizando estudos sócio-culturais com índios Sioux nos Estados Unidos. Ele naturalizou-se norte-americano, mas era alemão, tendo nascido em Frankfurt.

A experiência com os índios o levou a buscar novas relações entre a psicologia e a antropologia, assim como o fez compreender a importância da identidade, tema que ele pesquisou durante toda a vida. A expressão “crise de identidade” é atribuída a ele, que pesquisou a adolescência intensivamente.

A teoria psicossocial, assim como a de Freud e a de Piaget, estrutura-se em estágios, sendo que é a única teoria que se estende até a senescência (melhor idade).

No caso da teoria de Erikson, são oito estágios ao todo, organizados da seguinte forma: os quatro primeiros referem-se à infância, o quinto à adolescência e os três últimos ocorrem na vida adulta até a velhice. O estágio da adolescência é considerado por ele como o mais importante, pois é a partir dele que se estrutura a personalidade adulta.

Assim como em outras teorias, os estágios não obedecem a uma determinação cronológica rígida, pois se considera o ritmo da criança. A cada nova etapa, há um acréscimo de novas potencialidades, ou seja, cada estágio contribui para a formação da personalidade, sendo constituídos por um conflito básico que deve ser vivenciado pelo indivíduo. A seguir veremos cada um dos estágios.



<http://static.hsw.com.br/gif/qi-3.jpg>

No **primeiro estágio**, o conflito reside na **confiança X desconfiança**. Nesse período, que se estende pelo primeiro ano de vida, a criança que tem suas necessidades fisiológicas e psicológicas plenamente satisfeitas, como por exemplo, a alimentação e o amor dos pais, desenvolve a confiança e a esperança, fundamentais para seu desenvolvimento futuro. Se, ao contrário, isso não ocorrer, ela desenvolverá a desconfiança em relação às pessoas e ao mundo, que se

manifesta por um alheamento e a sensação de abandono e separação.

O **segundo estágio** traz a **autonomia x vergonha e dúvida**. Da mesma forma que no estágio anterior, a criança desenvolverá um desses sentimentos básicos de acordo com a forma como é tratada.

Nessa etapa, a criança adquire o controle sobre suas necessidades fisiológicas, desenvolvendo, a partir daí a autonomia, o orgulho e a liberdade de expressão. No entanto, se for criticada, ridicularizada ou levada a sentir vergonha em excesso pela demora em adquirir esse controle, essas qualidades não serão alcançadas e a criança não evoluirá em um aspecto importantíssimo: a vontade que possibilita o exercício da capacidade de decisão. Ocorre no segundo e terceiro ano de vida da criança.

O **terceiro estágio** é caracterizado pela **iniciativa x culpa** e acontece no quarto e quinto ano de vida da criança. É uma fase em que o interesse dela pelo mundo que a cerca está em franca expansão e, aliado a isso, ela mostra-se mais decidida, mais desenvolvida tanto física quanto intelectualmente, no entanto, se esse interesse for reprimido nos âmbitos intelectual e sexual, ela poderá desenvolver um sentimento de culpa, além de diminuir sua curiosidade e a busca por novos horizontes e conhecimentos.

O **quarto estágio** traz o conflito entre a **destreza/maestria e a inferioridade** e caracteriza-se pela conscientização da criança de que nem sempre pode exercitar sua imaginação, devendo adaptar-se à escola. É o período compreendido entre o sexto e o décimo primeiro ano de vida. Observa-se que seu foco muda dos brinquedos para instrumentos e ferramentas usadas pelos adultos.

O risco nesse estágio é que ela desenvolva um sentimento de inferioridade se acreditar que não é capaz de realizar o que lhe é solicitado, seja pelos pais, seja pelos professores, ou se é levada a acreditar nisso. Por outro lado, se



Treino do troninho
<http://www.colegiomisericordia.g12.br/images2%5Ctroninho.jpg>

isso não ocorre, ela desenvolve o sentimento de que é capaz.



O **quinto estágio**, dos doze aos dezoito anos, caracteriza-se pelo conflito entre **identidade x confusão de papéis**. Nessa etapa, o adolescente se descobre como indivíduo único e vivencia uma série de desafios quanto ao seu lugar no mundo. As relações com os pares se tornam mais importantes e ele sente que precisa encontrar seu caminho. A principal questão a ser respondida é: quem sou eu? Se o adolescente tiver ajuda para enfrentar a transição para a vida adulta, desenvolverá um firme senso de identidade. A confusão de papéis é resultante das diferentes mudanças que ele tem que enfrentar.

No **sexto estágio**, **intimidade x isolamento** há uma busca por relacionamentos profundos, íntimos, alguém com quem compartilhar a vida, para cuidar. O amor é a principal busca desse estágio, mas se houver muitas decepções com os outros, o jovem pode refugiar-se no isolamento. Há também a possibilidade de que ele receie a intimidade, o compromisso, envolver-se de fato com alguém, com o mesmo resultado.

O **sétimo estágio** é vivenciado na meia idade e o conflito que se estabelece é entre a **produtividade x estagnação**. As preocupações do período estão relacionadas à família e à carreira, mas também com as gerações futuras. Há a necessidade de ajudar, de cuidar do outro, mas de forma mais social.

Nesse caso, se o indivíduo sente que não foi produtivo o suficiente, pode regredir e ter sua personalidade empobrecida. Há o sentimento de estar estagnado.

O oitavo estágio é vivido na senescência entre a integridade e a desesperança. Se o indivíduo sente que durante sua vida foi produtivo, ajudou os outros, construiu uma existência plena de significados, sentirá a integridade, caso contrário, será invadido pela desesperança.

ATIVIDADE

01. Qual a particularidade da teoria de Erik Erikson que a diferencia das outras?
02. Explique os estágios definidos por esse teórico.
03. O que pode acontecer em termos psicológicos a uma criança que não se sentiu amada na infância, de acordo com Erikson?

4.4.3 Teoria do Desenvolvimento cognitivo de Jean

Piaget

Vida e obra

Jean Piaget nasceu na cidade suíça de Neuchâtel em 1896 e faleceu em Genebra em 1980. Considerado um **prodígio**, publicou seu primeiro artigo sobre uma andorinha albina aos 11 anos de idade. Durante a adolescência trabalhava como voluntário no Museu de História Natural da sua cidade, ajudando a classificar a coleção de Zoologia. Nesse período, escreveu vários artigos sobre os moluscos. Graduiu-se em Ciências Naturais e, dois anos depois, aos 21 anos concluiu seu doutorado, com tese que abordava os moluscos.

Mudou-se para Zurique e passou a estudar Psicologia no laboratório de Bleuler, tendo conhecido as idéias de Freud e Jung, mas é na França que começa a desenvolver um trabalho mais sistemático na área, trabalhando com Alfred Binet, autor do primeiro teste de inteligência.

Foi nessa época que desenvolveu a **tese central** da sua teoria, ao observar que a inteligência de crianças pequenas é **qualitativamente** diferente da de crianças maiores, ou seja, os testes mediam quantitativamente o número de acertos que uma criança obtinha na prova e desconsideravam a idéia de que os erros ocorriam porque a criança não estava pronta, do ponto de vista maturacional. Em outras

Prodígio é a criança que tem, muito cedo, um desempenho em uma área do conhecimento igual ou maior do um adulto.



Jean Piaget
<http://www.dirceumoreira.com.br/IMAGENS/>

palavras, **só havia erros porque as respostas eram analisadas do ponto de vista do adulto.**

A convite de Edouard Claparède, psicólogo da educação, começa a trabalhar no Instituto Jean Jacques Rousseau, onde dá corpo a sua teoria, a partir da realização de inúmeros experimentos nos quais utiliza o método clínico e entrevistas com crianças.

Piaget publicou aproximadamente 100 e 500 artigos científicos, nos quais apresenta uma teoria essencial para a compreensão do desenvolvimento cognitivo.

A Epistemologia Genética

Ao perceber que a **lógica infantil era diferente da lógica do adulto**, Piaget decidiu descobrir como ocorria essa transformação ao longo do tempo, decidindo estudar como e a partir de quais mecanismos a criança elabora o conhecimento e como o amplia. Ele considerava que o desenvolvimento ocorre de forma dinâmica, a partir de uma troca constante entre o indivíduo e o meio ambiente. Para ele o **meio se refere a tudo aquilo que desafia a inteligência do indivíduo.**

Inteligência
para Piaget é
adaptação
biológica

Conceitos centrais

Equilibração/ Equilíbrio

Para Piaget, todo e qualquer organismo vivo busca constantemente adaptar-se ao meio, ou seja, busca o equilíbrio, de modo que as perturbações que enfrenta sejam superadas. Esse processo ocorre de forma ativa, dinâmica, caracterizando-se por uma série de transformações, às quais o organismo reage de modo ativo. A esse processo ele denomina **equilibração majorante.**

Nesse sentido, Piaget, compreende o desenvolvimento cognitivo como um processo que se caracteriza por transformações contínuas e sujeito a desequilíbrios constantes, que podem ocorrer em função de uma mudança no meio ambiente ou em razão do surgimento de novas possibilidades orgânicas no indivíduo. Essas modificações, por menor que sejam, provocam uma alteração no estado de repouso, na harmonia existente, induzindo ao desequilíbrio.

Não podemos, contudo, **confundir equilíbrio com estagnação, com estabilidade**. Na verdade, para manter o equilíbrio, faz-se necessário que o indivíduo atue de forma ativa para superar a perturbação. Em outras palavras, **quanto maior o equilíbrio, mais atividade está sendo realizada para mantê-lo**. Nesse caso, atividade passa a ser sinônimo de atividade.

A cada nova perturbação há uma modificação no organismo, que age para compensá-la. Além disso, toda ação do sujeito visando a adaptação se dá a partir de uma organização anterior, pois não há adaptação em um meio confuso

De acordo com Piaget, dois mecanismos atuam no processo de adaptação. O primeiro é denominado **assimilação** e consiste na ação que o organismo desenvolve, sem alterar suas estruturas, para alcançar o equilíbrio a partir de sua experiência anterior. Ou seja, na assimilação cognitiva, o indivíduo utiliza estruturas já existentes, procurando adaptar os objetos a elas.

Um exemplo ajudará você a entender melhor esse processo. Imagine a seguinte situação. Quando a criança começa a falar, aprende a chamar o cachorro de “au au”. Um dia, ao passear com os pais em uma fazenda, ela vê uma vaca e também a chama da mesma forma. Como a criança chega a essa conclusão?

À medida que a criança cresce e descobre o mundo, vai aprendendo uma série de coisas, nome de pessoas, de objetos, situações etc. Imagine agora que o cérebro da criança é um fichário, no qual ela vai classificando cada coisa que aprende. Assim, quando ela conhece o cachorro, ela cria uma ficha (**esquema**) para ele que bem poderia ser dessa forma: tem rabo, 04 patas e orelhas. Desse modo, ao ver a vaca, verifica que ela tem as mesmas características, então ela a nomeia de cachorro e diz “au au”.

Você poderia pensar como os pais que ela está errada, mas a verdade, como você já sabe é que a lógica da criança é diferente. Assim, naquele momento, os pais a corrigem. Dependendo da idade dela, compreenderá ou não a explicação. Se não compreender, estará realizando a assimilação, ou seja, usará o esquema de cachorro, já existente para adaptar ao novo animal.

Por outro lado, se ela compreender que cachorro e vaca são animais diferentes, ela terá que realizar outro processo, ou seja, criará um esquema absolutamente novo para incluir o novo conceito. Ao fazer isso, ela estará utilizando outro mecanismo, denominado por Piaget de **acomodação**.



<http://www.sugage.com.br/html/armorario25.jpg>

Na acomodação, ao invés de usar estruturas já existentes, o organismo precisará passar por modificações, se transformar para se ajustar às exigências do meio ambiente.

Nesse caso, a criancinha do nosso exemplo, criará um novo esquema para vaca, incluindo nova característica: rabo, 4 patas, orelhas e muge, não late. Para fazer isso, ela teve que modificar um esquema já existente para adaptar-se à realidade.



http://www1.istockphoto.com/file_thumbview_approve/5471609/2/istockphoto_5471609-child-drawing.jpg

Você já deve ter entendido que **esquema** é outro conceito central na teoria de Piaget. Assim, vamos falar um pouco mais sobre esse conceito.

Inicialmente, logo que a criança nasce só tem como esquemas os reflexos, tais como o de preensão, mas à medida que vai crescendo e adquirindo experiência com pessoas e objetos, ela vai ativamente construindo novos esquemas (fichas que armazenam informações no cérebro). Nesse sentido, os esquemas são como pontos de partida para a interação do indivíduo com o meio.

Vamos ver um novo exemplo. Ao nascer, a criança tem o reflexo de preensão, ou seja, agarra tudo que colocamos no seu dedo. Posteriormente, ao lhe darmos um lápis irá segurá-lo ainda que não tenha muito jeito (assimilação), mas

se pedirmos a ela que desenhe com ele, ela terá que modificar-se para realizar essa tarefa, mas só será capaz de fazer isso se já estiver pronta para isso (sistema maturacional mais desenvolvido).

Nesse caso, se já estiver pronta ela será capaz de modificar sua coordenação motora para realizar a tarefa. Pense em uma criança com três anos de idade. Ao lhe darmos um lápis, ela movimentava o corpo todo para usá-lo, mas com o tempo, conforme já explicamos quando falamos dos princípios maturacionais, ela se torna capaz de movimentar apenas os dedos e a mão.

Assimilação e acomodação são processos distintos, mas simultâneos. Nesse exemplo, ao usar o esquema de pegar que ela já conhece (assimilação) para brincar com uma bola, a criança faz uso de certo tipo de movimento com as mãos e os dedos, além de uma determinada postura. Se, contudo, a bola for pequena, ela terá que realizar ajustes nos dedos, braço, postura (acomodação) para brincar com ela.

Ao final, sempre que isso ocorre, o mecanismo que termina a ação é a assimilação, pois depois de acomodar, a criança precisará assimilar a nova habilidade.

Para entender melhor o esquema, iremos a partir de agora falar sobre as diferentes experiências que a criança tem. É preciso que fique claro para você que a ação é o principal fator na constituição de um esquema, ação essa que pode ocorrer tanto do indivíduo sobre o objeto quanto do objeto sobre o indivíduo. Nesse caso, a ação pode se dar a partir de dois tipos de experiências ou conhecimentos, indissociáveis, mas que podem ser explicadas separadamente para sua maior compreensão.

A primeira é denominada **experiência física** (conhecimento físico) e consiste na ação do indivíduo sobre os objetos e eventos de modo a que possa conhecer suas características. Assim, tamanho, forma, volume, peso e textura são exemplos de experiências físicas. Nesse caso, a criança ao



manipular um objeto apreende suas características por meio dessa experiência.

Nesse tipo de experiência, os próprios objetos dizem à criança o que ela pode ou não fazer com eles. Esse tipo de experiência é vital para que a criança conheça os objetos, pois não é possível aprender nada sobre eles apenas através da leitura ou da simples observação. O que ocorre é que a criança ao agir descobre as características.

A outra **experiência** (conhecimento) é denominada **lógico-matemática** e diz respeito à ação sobre os objetos de modo a extrair o conhecimento sobre a própria ação que se exerce. Em outras palavras, nessa ação, a criança atribui qualidades aos objetos que eles não possuem por si mesmos, faz-se necessário que ela pense sobre a própria experiência com os objetos.

Vamos ver um exemplo desse tipo de conhecimento: o conceito de números. Ao brincar com pedrinhas, a criança executa diversas operações com elas, empilha-as, coloca-as em círculo, enfileira-as e, em todos esses momentos, ela as conta, até que percebe que o número permanece o mesmo, seja qual for a ordem em que ela as coloque.

No próximo tópico, você verá os estágios do desenvolvimento cognitivo propostos por Piaget.

Estágios do Desenvolvimento Cognitivo

Do que foi anteriormente exposto, é possível verificar que para Piaget o desenvolvimento cognitivo da criança ocorre em permanente processo de equilíbrio. A cada novo desafio, a criança precisa desenvolver novas habilidades que superem os desequilíbrios. Esse processo foi dividido por ele em quatro estágios: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal.

Ressaltamos que embora Piaget atribua a cada estágio uma determinada idade, essas não são rígidas e podem variar de acordo com cada indivíduo.

Estágio Sensório-motor (0 a 2 anos)

Nesse estágio, a criança ainda não tem capacidade de abstração e sua atividade intelectual baseia-se exclusivamente nas percepções sensoriais e nos esquemas motores. É essencial que nesse período a criança seja bastante estimulada para que possa desenvolver sua inteligência.

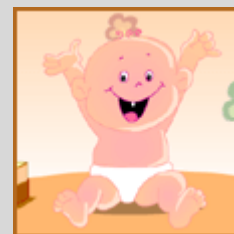
É uma fase que se caracteriza pela resolução de problemas práticos, como por exemplo, pegar um objeto e manipulá-lo. A criança ainda não tem a capacidade de lembrar o passado, de pensar em termos de futuro, de representar eventos. Para ela só existe aquilo que está vivendo no momento, ou seja, vive no aqui-e-agora. Somente mais tarde desenvolverá as noções de tempo, espaço, causalidade e permanência de objeto.

Inicialmente a criança utiliza intensivamente os reflexos, como o de sugar, mas gradativamente estes vão sendo substituídos por formas de adaptação mais flexíveis. A criança conhece e se apropria do mundo que a rodeia a partir dos esquemas sensório-motores: pega, morde, joga, chuta. O relacionamento com outros seres humanos ocorre também a partir dos esquemas.

No final da fase, ela já construiu a noção de “eu”, pois ao nascer, a simbiose com a mãe era tamanha que ela via a mãe como parte dela mesma. Nesse momento, ela explora também o próprio corpo, elaborando o autoconceito.

Uma grande realização desse período é a capacidade de perceber a diferença entre os objetos, estabelecendo uma noção de realidade mais estável. Além disso, aos 8 meses, já consegue perceber que um objeto continua no mesmo lugar ainda que coberto por um pano, o que não ocorria aos 5 meses de idade, quando então ela acreditava que o objeto havia sumido.

A construção gradativa de esquemas mais complexos e o aparecimento da função simbólica (capacidade de repre-



<http://www.nilsona-ma-deu.com/topgifs/data/media/66/8.gif>

Simbolizar é a capacidade de representar objetos e acontecimentos ausentes por meio de símbolos e signos. Em outras palavras, a criança forma uma imagem mental dos objetos, a partir da qual ela consegue representar, ou seja, representa a ação.

sentar acontecimentos futuros, de libertar-se do aqui-e-agora) possibilitam a transição para o novo estágio.

A transição para o estágio pré-operacional se dá com o início da capacidade de simbolização, o que propicia relativa independência da experiência imediata graças ao fato de que agora pode utilizar as palavras e símbolos mentais para se referir aos objetos ausentes.

Estágio pré-operatório (2 a 7 anos)

A principal característica dessa fase é a ampliação da capacidade de **simbolizar (representação)**, aliada à expansão da linguagem. Nesse sentido, a criança já é capaz de desenvolver representações de objetos ausentes, como por exemplo, mamadeira, mãe, boneca. Ela já não depende apenas das sensações e dos movimentos para adquirir o conhecimento do mundo, pois interiorizou esses conceitos, o que Piaget denominou função simbólica, ou seja, funções que apresentam idéias preexistentes acerca de alguma coisa.

Piaget considera que há vários tipos de representação que são essenciais ao desenvolvimento da criança. Nesse caso, serão apontados segundo a ordem em que aparecem: imitação diferida, jogo simbólico, desenho, imagem mental e a linguagem falada. Esse desenvolvimento se dá a partir dos 2 anos de idade.

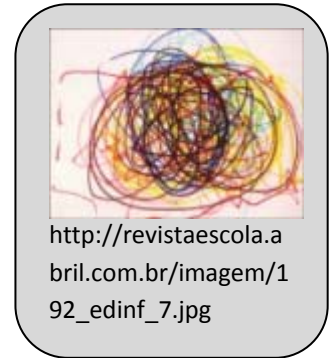
Em outras palavras, a criança, nessa fase, consegue fazer uso de qualquer coisa para representar (significante) os objetos (o significado).

A **imitação diferida** é aquela em que a criança imita alguma situação, pessoa ou objeto depois de passado certo período de tempo. Um exemplo pode ser observado quando ela imita o irmão de algum modo, o que significa que ela já tem capacidade de recordar, de representar mentalmente o que aconteceu.

Símbolos são coisas que apresentam semelhança com o que representam, como o desenho, por exemplo. Signos são coisas arbitrárias que apresentam semelhança com o que representam. Um exemplo de signo é a linguagem, tanto escrita, quanto falada, assim como os números.

Quanto ao **jogo simbólico**, é possível notar que a criança pode brincar com uma caixa, como se esta fosse um carro, atribuindo a esta as características de um carro. Nesse caso, trata-se de um jogo de faz-de-conta, simbólico. A criança consegue transformar o real, satisfazendo seu desejo.

O **desenho** tem várias fases nessa etapa da vida da criança. Inicialmente, não passa de garatujas, rabiscos, embora estes tenham um significado para a criança. Com o passar do tempo, ela começa a querer representar os objetos como eles são de fato, de forma que passa a desenhar formas mais reais, mas até os 8 ou 9 anos de idade, a criança desenha o que imagina e não o que vê.



A **imagem mental** consiste na representação interna de objetos ou experiências que a criança vivencia. Por essa razão pode ser considerada símbolo.

A **linguagem** sofre também uma enorme evolução, pois aos três anos de idade, a criança apresenta um vocabulário de aproximadamente 2.000 palavras e consegue compreender sentenças mais complexas. É a última forma de representação conquistada nessa fase e a que mais colabora para o desenvolvimento do pensamento conceitual.



Nesse período, ela pode, durante a brincadeira, trocar uma coisa por outra, como por exemplo, brincar com a boneca fingindo que é um bebê de fato.

O pensamento pré-operacional apresenta características específicas. Em primeiro lugar, trata-se de um **pensamento egocêntrico**, ou seja, centrado na própria criança, sendo pouco flexível. Um exemplo pode ilustrar melhor essa característica. a criança ao ser questionada sobre quantos irmãos tem, responde que tem “um”, mas se perguntarmos quantos irmãos seu irmão tem, ela dirá que nenhum, pois não consegue se colocar no ponto de vista do outro.

Outra característica do pensamento pré-operatório é o **animismo** (do latim alma), pois a criança nessa fase considera que objetos e animais têm vida própria, atribuindo-lhes características humanas. É possível constatar esse fato

quando a criança cai no chão e para de chorar quando os pais “brigam” com o chão.

O **antropomorfismo** é similar ao animismo, pois a criança atribui forma humana a animais e objetos. Um exemplo é ver figuras nas nuvens.

A **percepção imediata** leva a crianças a distorções no seu modo de pensar, como por exemplo, quando mostramos duas fileiras de objetos iguais, sendo que em uma delas os objetos estão mais próximos e na outra não, ela costuma achar que a última é maior, mesmo que mostremos a elas que os objetos são do mesmo número.

A criança também tem dificuldade de raciocinar a partir de transformações. Seu pensamento é denominado **transdedutivo** porque ela não consegue, ainda, partir de um fato geral para chegar a um resultado particular (dedução), nem tampouco consegue partir de um fato particular para chegar a um resultado (indução), mas parte do particular para o particular. Por essa razão, na faixa etária de dois a sete anos, a criança não consegue elaborar princípios, leis ou normas a partir de sua experiência.

Um exemplo da transdedutividade pode ser observado quando ao mostrarmos uma trilha feita por uma lesma, a criança não consegue compreender que é a mesma lesma que fez aquele caminho, mas acredita que foram várias lesmas.

Piaget aponta um exemplo decorrente da experiência vivenciada com sua filha. Ao colocar uma panela para ferver água para se barbear, a filha perguntou o que ele iria fazer. Ele respondeu e, dias mais tarde, observo que a criança ao ver uma panela no fogão, afirmou que ele iria fazer a barba. Nesse caso, a criança não entendeu que a água (princípio geral) pode ter várias utilidades.

Outra característica importante desse período é a **irreversibilidade**, que diz respeito ao fato da criança não com-

preender que determinados fenômenos podem ser reversíveis. Ou seja, que quando transformamos algumas coisas, podemos desfazer o processo.

Estágio operatório-concreto (7 a 11 anos de idade)

Nesse estágio, o pensamento da criança passa por uma grande evolução. Se nos estágios anteriores predominavam as ações externas da criança sobre os objetos, agora ela já consegue realizar inúmeras operações de outra perspectiva, uma vez que a ação passa a ser internalizada.

O pensamento lógico e objetivo torna-se evidente. Uma das principais aquisições dessa etapa é a reversibilidade, o que implica em maior flexibilidade. Além disso, o pensamento vai gradativamente deixando de ser egocêntrico e a criança já vislumbra um mundo mais próximo do real.

Esse estágio recebe a denominação de operatório porque é reversível. Uma operação, de acordo com Piaget, pode ser definida como ato de representação que é parte de um conjunto de atos estreitamente relacionados entre si. Entre elas podemos citar, por exemplo, as operações lógicas de adição, subtração, multiplicação e divisão; além da classificação. Exemplificando, a criança já entende que $2 + 4 = 6$, porque sabe que $6 - 4 = 2$.

Em decorrência dessas modificações, a criança consegue formar a noção de conservação, pois seu pensamento tem por fundamento o raciocínio e não mais a percepção imediata. Ela compreende que as duas fileiras são iguais, pois seus elementos estão em igual número (exemplo anterior).

Por outro lado, Piaget denominou esse estágio de concreto porque a criança precisa observar objetos reais para desenvolver seu raciocínio, ou seja, não há ainda uma capacidade de abstração real, fundamentada em enunciados, princípios ou leis. Essa conquista só será alcançada no próximo estágio, que você irá estudar agora.

Estágio operatório-formal (12 anos em diante)

A principal característica desse estágio é a aquisição da capacidade de abstração, ou seja, o adolescente já não precisa de material concreto para deduzir as relações entre objetos.

A visão de mundo do adolescente transforma-se completamente, pois ele se torna capaz de pensar em termos de possibilidades, de formular hipóteses e de testá-las. É nesse período que as preocupações do indivíduo se voltam para os valores, o futuro etc. É uma fase de grandes descobertas, de contestação, da busca por soluções para os problemas do mundo. O indivíduo atinge, portanto o nível ótimo de desenvolvimento cognitivo, com toda a complexidade que lhe é característica.

PARA SABER MAIS

http://www.10emtudo.com.br/artigos_1.asp?CodigoArtigo=68

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Piaget

ATIVIDADE

- 01. Explique o desenvolvimento humano para Piaget, focalizando nos seguintes aspectos:**
 - a) Os fatores do desenvolvimento**
 - b) A ênfase dada aos aspectos maturacionais**
 - c) Os estágios do desenvolvimento cognitivo**
- 02. Explique as características do estágio pré-operatório.**
- 03. O que vem a ser assimilação e acomodação na teoria piagetiana?**

Teoria Psicogenética de Henri Wallon

Ainda que pouco divulgada, a teoria de Wallon é uma das mais completas no que diz respeito ao desenvolvimento infantil, por sua **ênfase no estudo do indivíduo como um ser total, considerado não apenas quanto ao aspecto cognitivo, mas quanto ao emocional e ao motor**. Da mesma forma que os outros teóricos estudados, esse autor dividiu o desenvolvimento humano em estágios e, cabe ressaltar que ele via esse processo como algo contínuo, permanente, desde o nascimento até a morte.

Para Wallon, não há separação entre o biológico e o social, mas uma relação de complementaridade. Essa é uma das principais idéias defendidas por Wallon, cujo pensamento tem origem no materialismo histórico e dialético.

Vida e obra

Henri Wallon nasceu em Paris (França), em 1879, onde viveu a maior parte da sua vida. Aos 23 anos graduou-se em Filosofia e, em 1908, seis anos depois, em Medicina. Até o ano de 1931, Wallon trabalhou em hospitais psiquiátricos com crianças com distúrbios neurológicos, assim, ao ser convocado na primeira guerra mundial em 1914 para atuar como médico do exército francês teve a oportunidade de observar diferentes lesões cerebrais decorrentes da guerra e comparar seus efeitos sobre o psiquismo.

Na verdade, durante sua vida, Wallon presenciou as duas grandes guerras mundiais (1914-18 e 1939-45). Na segunda guerra, ele atuou ativamente na Resistência francesa, o que acentuou sua crença no papel da educação no ensino de valores morais pró-sociais, tais como a solidariedade.

Wallon assumiu também durante grande parte da sua vida a função de docente, tendo sido professor da Universidade de Paris (Sorbonne) e realizado inúmeras conferências acerca da criança.

O interesse de Wallon pela educação foi constante durante toda a sua vida. Ele foi nomeado Secretário da Educação Nacional em 1944 e, posteriormente, presidente da comissão para a reforma do sistema educacional francês, em 1945. Nesse período, apresentou proposta que ficou conhecida como Projeto Langevin-Wallon, evidente exemplo do seu pensamento pedagógico, sobre o qual falaremos posteriormente.



Henri Wallon

<http://br.geocities.com/epolenciclopedia/biografias/W/wallon.jpg>

A atividade política também esteve presente na vida desse teórico, que em 1931 filia-se ao partido socialista francês. Essa experiência marcou profundamente sua visão de homem e de mundo.

Wallon foi autor de várias obras importantes acerca da criança, entre as quais podemos citar “A criança turbulenta” e “As origens do pensamento na criança”. Henri Wallon defende que o indivíduo está em permanente processo de transformação, sendo que em todos os momentos representa uma totalidade integrada pelos aspectos motor, emocional e cognitivo. Ressaltamos que o grande mérito desse teórico foi abordar as emoções de uma perspectiva inteiramente nova, reconhecendo a importância que estas têm para o desenvolvimento.

Outro ponto que merece ser apontado é o fato de que Wallon considerava a pessoa em função das condições históricas e sociais concretas, ou seja, para ele não havia o homem universal, abstrato, pois a cada momento da sua história se constitui em decorrência da influência do meio.

No que se refere aos estágios, Wallon preconizava que estes obedeciam a uma seqüência temporal invariável e dependiam de dois fatores, os orgânicos e os sociais.

Em decorrência dessa compreensão, estabeleceu as **leis que regulavam a sucessão dos estágios**. Estas leis serão apresentadas a seguir:

- 1) **Alternância funcional**: o movimento predominante obedece a direções opostas (**centrípeta x centrífuga**). No

primeiro caso, o movimento ocorre para o interior do indivíduo, em busca do autoconhecimento e, no segundo, volta-se para fora, para o conhecimento do mundo exterior.

- 2) **Predominância funcional:** há uma alternância entre os diferentes aspectos (motor, afetivo e cognitivo), sendo que a cada estágio um deles se torna mais evidente, embora não deixem de ocorrer simultaneamente, pois uma possibilita o avanço dos outros.
- 3) **Integração funcional:** as possibilidades dadas pelo meio ambiente e pelo sistema nervoso determinam uma hierarquia, na qual os estágios se organizam do mais primitivo para o mais complexo.

Para Wallon, cada estágio implica em uma direção. Se a direção está voltada para o indivíduo é denominada **centrípeta** e há uma predominância da **afetividade**, se for para o exterior é chamada **centrífuga** e predomina o **cognitivo**.

Para Wallon, o **desenvolvimento** significava a capacidade de responder de forma cada vez mais eficaz às mais variadas situações.

Ele afirmava que embora os conjuntos (expressão adotada por esse teórico) motor, afetivo e cognitivo apresentassem estrutura e funções diferentes, seu nível de integração era tamanho que um constituía o outro. Nesse sentido, toda atividade desenvolvida pelo ser humano interfere em todos eles, sem distinção.

Para desenvolver sua teoria Wallon recorreu ao método que ele denominou **análise genética comparativa**, que consistia em comparar adultos, crianças normais e com patologias e povos primitivos, de acordo com suas diferentes determinações, fossem estas sociais, orgânicas ou neurológicas.

A seguir, você irá conhecer os estágios propostos por Wallon. É importante ressaltar que os fatores sociais e a cul-

tura de cada época em interação com o indivíduo é que ditam as condições de desenvolvimento dos estágios.

Estágios do desenvolvimento

Wallon considera que existem cinco estágios e ainda que aponte a faixa etária de cada um, essa delimitação não é rígida, uma vez que há as diferenças individuais de ritmo, assim como o fato de que temos que adequar cada um às próprias características da nossa época.

Estágio Impulsivo-emocional (0 a 1 ano)

Esse estágio constitui-se em dois momentos: o da impulsividade motora e o emocional. Inicialmente, a criança é totalmente dependente do adulto (simbiose fisiológica e afetiva), assim suas sensações de bem-estar e de mal-estar se manifestarão através de descargas motoras indiferenciadas.

Simbiose é relação mútua entre mãe e filho na qual há intensa troca afetiva.

É a partir dessa manifestação que o bebê chama a atenção do adulto, que atende a suas necessidades e constrói com ele um conjunto de significados.

No que diz respeito à primeira fase desse estágio, as descargas motoras que o bebê apresenta não são intencionais, mas baseadas nos reflexos e impulsos, sendo descontínuas e bruscas. Seu objetivo é reduzir o desconforto e a tensão, assim como a satisfação das necessidades. Essa fase se estende até os três meses de vida.

Inicialmente, as ações da criança estão focalizadas nas sensações internas, nas vísceras e nos músculos. Wallon denominou essa sensibilidade de **interoceptiva**. Um exemplo é a sensação de fome, que envia para o cérebro os sinais emitidos pelas vísceras.

O segundo tipo de sensibilidade é a **proprioceptiva** e está relacionada ao equilíbrio do corpo no espaço e ao movimento. Diferentemente da anterior, as sensações não mais se localizam nas vísceras, mas no aparelho muscular, nos tendões e nas articulações que leva a criança a sentir bem-estar ou mal-estar.

Por último, a sensibilidade **exteroceptiva** refere-se ao momento, no final da fase, em que a criança volta-se para o conhecimento do mundo externo.

Wallon aponta também nessa fase, o valor do movimento, considerado por ele como um dos modos de comunicação da vida psíquica com o meio externo. Ele defende que há três tipos de movimento: de equilíbrio, de preensão e locomoção e posturais.

No primeiro caso, os movimentos de equilíbrio atuam de forma a compensar e reajustar o corpo. Em função deles, a criança aprende a ficar sentada, a engatinhar e, posteriormente, a andar.

Os movimentos de preensão e locomoção referem-se aos deslocamentos do corpo e dos objetos no espaço, que ajudaram a criança a ter uma noção mais elaborada de si mesma e do espaço.

O último, postural, possibilita que a criança se expresse a partir de mímicas em função dos deslocamentos dos segmentos corporais.

A segunda fase desse estágio é a emocional e se estende dos 3 meses até o primeiro ano de vida, caracterizando-se pela mudança das descargas motoras em formas de comunicação e expressão. Nesse momento, as trocas que a criança faz com o meio são essencialmente afetivas, sem um componente intelectual. A criança utiliza o afeto como forma de afetar o adulto, para que ele atenda a suas necessidades, mas se trata de um tipo de afetividade que se apresenta como emoção em seu estado mais puro. A direção é centrípeta, ou seja, predomina a afetividade

A transição para o segundo estágio ocorre de forma descontínua, por rompimento. Nesse caso, enquanto o estágio anterior era essencialmente afetivo, o segundo é eminentemente cognitivo. Predomina a sensibilidade exteroceptiva, pois a criança começa a construir o real.



http://www.multimoveis.com/por/img/dicas/multifo_engatinhando.jpg

Estágio Sensório-motor e Projetivo (1 a 3 anos)

Nesse estágio, a criança explora o ambiente de forma que constrói a realidade. Inicia-se a representação simbólica, conceito que já discutimos na teoria de Piaget. É uma fase predominantemente intelectual (centrífuga).

Os progressos nesse período se dão também na área motora, com o refinamento da preensão, da percepção e o desenvolvimento da linguagem. A criança já consegue descobrir as qualidades dos objetos e sua atividade é cada vez mais planejada e organizada voluntariamente.

Esse estágio tem início com o domínio dos movimentos sensório-motores, agora voluntários e destinados a conhecer e investigar o ambiente. Isso permite uma maior independência da criança, que modifica o meio, nomeia, localiza os objetos, o que não era possível no estágio anterior.

A linguagem e a marcha (andar) possibilitam que a criança entre em um novo mundo, o simbólico, dando início à segunda fase desse estágio, a **projetiva**, que diz respeito ao funcionamento mental da criança.

Para Wallon, o ato mental projeta-se em atos motores. O gesto é um importante aliado nessa etapa, pois a criança o utiliza para se comunicar. Nesse sentido, o gesto precede a palavra, pois a criança não consegue imaginar sem representar. Exemplifica esse fato a situação em que a criança, ao comentar sobre um presente que ganhou, abre os braços para significar o tamanho deste.

Wallon destaca dois movimentos projetivos que colaboram para que a criança expresse sua atividade mental; a imitação e o simulacro.

No caso da imitação, um modelo externo ao qual a criança está ligada afetivamente, provoca o movimento da criança que passa a imitá-lo. Ela também pode imitar situações

que a agradam. É o passo inicial para que a criança desenvolva a representação, mas só no segundo ano de vida conseguirá dominar seus atos e imitar o que vê no mundo.

Cabe ressaltar que a criança não imita o modelo simultaneamente, mas há um período de incubação que pode variar de horas a semanas. Isso implica na constatação de que a criança, até mesmo quando imita, introduz algo seu, peculiar, o que permite que ela se diferencie do modelo.

No simulacro, assim como na imitação, há a adoção de um recurso simbólico que prenuncia a representação propriamente dita. Sua principal característica é o fato do pensamento da criança estar apoiado em gestos, ou seja, para Wallon, é um exercício ideo-motor.

Nesse caso, a criança é capaz de substituir um objeto que não está presente de fato através dos gestos, que apóiam a narrativa da criança e possibilitam que ela lide com a ficção, crie e invente o que deseja. É uma atividade que se caracteriza pelo faz-de-conta.

Estágio do Personalismo (3 a 6 anos)

Esse estágio está voltado para a pessoa, logo é **centrípeto** e predominantemente **afetivo**. É uma etapa na qual a criança constrói sua personalidade a partir da **consciência corporal** e da **capacidade simbólica**.

A consciência corporal é resultante da capacidade desenvolvida pela criança desde o primeiro estágio de compreensão de que sua imagem corporal é diferenciada do seu corpo. A consciência corporal permitirá assim que a criança tome consciência de si, sendo condição fundamental para que isso ocorra e prenuncio da sua constituição como pessoa.

Esse período divide-se didaticamente em **três fases**. A **primeira** diz respeito à **oposição ou recusa e reivindicação** e se caracteriza por uma crise, uma busca de afirmação da própria identidade, distinta da do outro. A criança sente prazer em se opor, com o fim de mostrar sua independência. Nas situações de jogos e de partilha, embora reconheça o direito do outro, quer sempre ter vantagem, podendo para tal, agredir ou mentir. Um exemplo são as brigas com os irmãos por um brinquedo, que ao tomar pode dar a alguém que admira.

Na segunda, denominada sedução ou idade da graça, a criança passa a sentir necessidade de ser admirada, pois só assim se verá dessa forma também. Nesse caso, observa-se que seu comportamento alterna-se entre a falta de jeito e a graça e o seu envolvimento em cada situação vivenciada é total, tanto no que a agrada quanto no que desagrada.

Essa necessidade que a criança sente acarreta conflitos, decepções e inquietação, pois às vezes não é correspondida de acordo com suas expectativas.

Quanto à linguagem, a criança passa a utilizar a primeira pessoa e o pronome “mim”, substituindo a terceira pessoa do singular, até então usada.

A última fase é a da imitação e se caracteriza pela incorporação do outro tantas vezes negado no estágio anterior, com o objetivo de adquirir as qualidades admiradas. A criança busca agora modelos e não apenas admiradores para aperfeiçoar suas próprias competências.

Trata-se de um período no qual a escola e o grupo de pares assumem enorme importância. Nesse sentido, as relações são recíprocas e ajudam na distinção eu-outro. O papel do professor, para Wallon, de vê ser de alguém que mantenha com a criança uma relação quase maternal.

É um período marcado pela predominância dos estímulos que prendem a atenção da criança e a mantém ocupada, podendo ocorrer duas situações: **instabilidade** que significa que a criança reage de forma indiscriminada aos estímulos e a **perseveração**, quando então ela se torna tão imersa em uma atividade que parece estar alheia ao que ocorre à sua volta.

A construção e diferenciação da pessoa que ocorreu nesse estágio, deverão se concretizar agora no plano intelectual. É sobre isso que trata o próximo estágio.

Estágio Categorial (6 a 11 anos)

A principal característica dessa etapa é o desenvolvimento intelectual, que se sobressai grandemente. A criança desenvolve também a precisão na habilidade motora, assim como a atenção concentrada, o que a permite explorar melhor o mundo exterior. Nesse sentido, trata-se de um estágio centrífugo, voltado plenamente para a conquista do meio exterior que adquire importância fundamental.

Wallon divide esse estágio em duas etapas: **pré-categorial** (até os nove anos), caracterizada pelo **pensamento sincrético** (organização das informações ocorre de forma difusa, global, sem distinção das relações que unem umas às outras) e, de nove a dez anos, tem início a formação de categorias intelectuais que atuam classificando e ordenando o real. Essa segunda fase é a **categorial**, a qual juntamente com a anterior, dá origem à **inteligência discursiva**, a qual permitirá à criança abandonar permanentemente o sincretismo e pensar por conceitos.

Estágio da Puberdade e Adolescência

O equilíbrio obtido no estágio anterior é rompido e o adolescente precisa aprender a lidar os desafios que se apresentam a ele, os quais dependem de cada época e lugar, assim como da classe social do indivíduo.

Há nesse estágio uma reorganização do esquema corporal, em função das mudanças pelas quais passa o corpo do indivíduo. Outro aspecto importante é a construção da personalidade.

Esse período tem como aspecto predominante a afetividade, caracterizada por atitudes e sentimentos ambivalentes. É uma fase difícil para o adolescente, mas também rica de possibilidades.

ATIVIDADE

01. Em que a teoria de Wallon se diferencia da proposta por Piaget?
02. Quais as características do estágio sensório-motor e projetivo?
03. Explique o que vem a ser imitação e simulacro.
04. Comente acerca das fases do Personalismo.
05. Quais as etapas do estágio categorial? Explique.
06. Qual a sua opinião sobre a teoria de Henri Wallon?

Unidade 5

Desenvolvimento e Aprendizagem

Resumo

Nesta unidade estudaremos o processo de aprendizagem, destacando sua conceituação, os diferentes estilos de aprendizagem, as dimensões individual e social desse processo, a aprendizagem escolar e instrucional e, por fim, a proposta construtivista de aprendizagem, decorrente da teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget. É vital destacar que a aprendizagem ocorre em estreita relação de interdependência com o processo de desenvolvimento, conforme é possível verificar no tópico concepções de desenvolvimento, estudado na unidade anterior. A dicotomia apresentada nesse capítulo é, pois, meramente didática, realizada com o intuito de facilitar seu aprendizado.

Sumário

UNIDADE 5: Desenvolvimento e Aprendizagem	108
5.1. Conceituação e caracterização da Aprendizagem	110
5.2. Dimensões individual e social da aprendizagem	112
5.3. Proposta construtivista de aprendizagem.....	112

UNIDADE 5: Desenvolvimento e Aprendizagem

O processo de aprendizagem envolve aspectos cognitivos, orgânicos, emocionais, culturais e sociais, de forma que se caracteriza como extraordinariamente complexo.

Diferentemente dos animais, cujo comportamento é predominantemente instintivo e constituído por uma pequena proporção de reações aprendidas em função da experiência individual, o ser humano, desde o nascimento apresenta pouquíssimos comportamentos inatos e invariáveis, devendo utilizar sua experiência com o meio e com o outro para desenvolver-se. Em outras palavras, o indivíduo precisa aprender praticamente tudo que necessita para seu crescimento, desenvolvimento e evolução como ser humano. A aprendizagem se estende por toda a vida.

A relevância da aprendizagem para o ser humano se evidencia na própria concepção de sociedade, cuja gradativa evolução se deve à capacidade humana para aprender e transmitir às gerações posteriores os progressos alcançados. Nesse sentido, podemos afirmar que, no decorrer dos séculos, foi a aprendizagem que permitiu à humanidade superar os limites e ampliar as possibilidades.

No próximo tópico abordaremos o conceito de aprendizagem, de modo a que você aprofunde seu conhecimento acerca desse importante processo.



<http://img98.imageshack.us/img98/6889/11426078bh8.jpg>

5.1. Conceituação e caracterização da Aprendizagem

O conceito de aprendizagem sofre variação de acordo com o referencial teórico adotado, como por exemplo, o behaviorismo, a epistemologia genética de Jean Piaget ou a Gestalt. Não obstante tal fato, o que há de comum a todas as teorias é a idéia de que a aprendizagem leva a uma mudança no comportamento em função dos conhecimentos aprendidos, o que, conseqüentemente, modifica o comportamento do indivíduo.



<http://lilapead.blogspot.com/2008/08/projetos-de-aprendizagem.html>

É fundamental que você entenda que aprendizagem não se refere apenas à aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas implica também a aprendizagem de valores morais, costumes culturais, assim como a expressão de sentimentos e o desenvolvimento da personalidade.

Nesse sentido, trata-se de um processo que envolve contínuas modificações decorrentes das diferentes experiências nas quais se envolve o ser humano. A cada novo desafio, o homem busca adaptar-se a partir da utilização das distintas habilidades e potencialidades que possui.

No que diz respeito às **características da aprendizagem**, podemos considerar inicialmente que se trata de um **processo contínuo** que tem início desde o nascimento do indivíduo e se prolonga por toda a vida. Além disso, é um **processo global**, no sentido de que envolve todo o organismo humano, em seus aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos.

Outra característica relevante é a dinamicidade do processo, ou seja, não é um processo passivo, mas sim **dinâmico** que implica em intensa atividade por parte do indivíduo. Por outro lado é também **gradativo**, pois são necessá-

rias inúmeras operações que se tornam complexas à medida que o indivíduo cresce e vivencia diversas experiências, as quais são assimiladas de forma ativa pelo sujeito e incorporadas às anteriores.

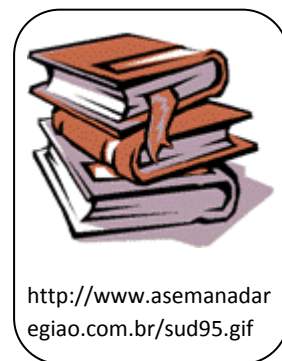
É possível também afirmar que a aprendizagem é um **processo pessoal**, pois se faz necessário o envolvimento do sujeito que aprende nas experiências que tem, pois não é possível que alguém aprenda pelo outro. Em outras palavras, ainda que precisemos do outro para aprender, só nós mesmos podemos trilhar o caminho no nosso próprio ritmo e segundo as nossas capacidades.

Por fim, é um **processo cumulativo**, haja vista que as novas experiências são somadas às anteriores, produzindo crescente adaptação e ajustamento do indivíduo ao meio. Nesse sentido, o indivíduo aprende e em situações novas utiliza os conhecimentos adquiridos.

Em muitos casos, o aluno não consegue transferir a aprendizagem para outros contextos, fato que constitui um dos principais problemas na escolarização.

Outra característica importante é o **uso do que foi aprendido na prática**. Nesse caso, é possível afirmar que houve de fato aprendizagem, ainda que nem sempre seja possível transpor os conhecimentos para o cotidiano. Essa é outra dificuldade presente no processo de aprendizagem.

A partir do que foi exposto deve estar claro para você que a aprendizagem é um processo complexo que abrange distintos aspectos do ser humano que atuam de forma conjunta. No próximo tópico iremos discutir as dimensões da aprendizagem.



5.2. Dimensões individual e social da aprendizagem

O processo de aprendizagem pode ser considerado como tendo dupla dimensão, individual e social, pois ocorre inicialmente no nível interpsicológico, subjetivo, a partir do conflito estabelecido no sujeito em função de um novo conhecimento. Nesse processo, o indivíduo é induzido a refletir, a pensar e, posteriormente a agir, em função da interação com o meio.

Por outro lado, a aprendizagem é considerada social porque envolve a aprendizagem de comportamentos presentes na cultura na qual está inserido, assim como atitudes que possibilitem seu desenvolvimento no contexto social em que vive. Outro aspecto importante nessa dimensão diz respeito ao fato de que a aprendizagem ocorre na relação com o outro, sendo um processo social e compartilhado.

5.3. Proposta construtivista de aprendizagem

O Construtivismo é uma teoria que busca explicar a origem do conhecimento, o desenvolvimento da inteligência, enfatizando que a criança constrói o conhecimento a partir de estruturas lógicas peculiares.

Nesse sentido, sua proposta é de participação ativa do sujeito na própria aprendizagem, adotando para tal procedimentos como, por exemplo, o trabalho em grupo e a experimentação. Nesse sentido, não fornece respostas prontas, mas estimula o aluno a desenvolver-se a partir da participação ativa na construção do conhecimento.

A ênfase no erro como parte do processo de aprendizagem e a adoção de material adaptado ao cotidiano do aluno são características dessa corrente teórica.

5.3.1 Pressupostos teóricos

Como você já viu na unidade anterior, há diferentes concepções sobre o desenvolvimento (inatismo, ambientalismo e interacionismo). Essas concepções também estabelecem as bases da relação entre desenvolvimento e aprendizagem.

Nesse sentido, a base epistemológica do inatismo é o **racionalismo**, que considera que o conhecimento já existe em estado latente no indivíduo, cabendo ao professor apenas estimular para que o aluno o desenvolva. Quanto ao ambientalismo, é o **empirismo** que o fundamenta, de forma que o conhecimento é visto como decorrente da observação dos objetos e o homem é visto como uma tabula rasa, conforme você já aprendeu.

O construtivismo se opõe a essas duas concepções, afirmando que o conhecimento tem sua origem nas relações que o homem estabelece com o meio, de forma ativa, diferentemente do que ocorre na concepção ambientalista, na qual o homem é visto como passivo.

Essa teoria acredita que o homem apesar de receber ao nascer uma herança genética formidável, esta por si só não será capaz de torná-lo humano, ou seja, não existe conhecimento a priori, pois sujeito e objeto se **constroem** mutuamente à medida que este vivencia distintas experiências.

Dessa maneira, o homem age sobre o objeto, transformando-o, mas, ao mesmo tempo, o objeto também age sobre o homem e o transforma, ao obrigá-lo a criar novos mecanismos que permitam apreendê-lo. Para que esse processo ocorra de forma eficaz, tem-se que levar em conta as condições nas quais vive o indivíduo: saúde, nível sócio-econômico, possibilidades de escolarização etc.

A base teórica na qual se apóia o construtivismo é a epistemologia genética de Jean Piaget, que você já estudou no capítulo anterior. Apesar disso, quem difundiu o termo construtivismo e suas aplicações foi Emília Ferreiro, psicóloga argentina e colaboradora de Piaget. Ela estudou a aquisição da leitura e escrita pelas crianças.

A proposta construtivista procura estimular o aluno a pensar, a desenvolver o senso crítico, a descobrir o conhecimento e, quando isso não é possível, como no caso de conhecimentos já prontos (nomes de cidades de uma região), utiliza a memorização como recurso auxiliar, mas de forma diferente da tradicional, dando indícios para que o aluno possa recordar-se posteriormente.

Nesse contexto, o professor tem o papel de colaborador e atua de forma individualizada, procurando trabalhar em grupos que tenham habilidades semelhantes ou em outros casos, opostas, de modo a que a troca seja feita de modo harmonioso.

A seguir apresentamos um quadro que aponta as principais diferenças existentes entre uma sala de aula construtivista e uma tradicional.

Quadro 1 - Características das Salas de Aula Tradicional X Construtivista

Sala de aula Tradicional	Sala de aula Construtivista
O currículo é apresentado das partes para o todo, com ênfase nas habilidades básicas	O currículo é apresentado do todo para as partes, com ênfase nos conceitos gerais
O seguimento rigoroso do currículo pré-estabelecido é altamente valorizado	Busca pelas questões levantadas pelos alunos é altamente valorizada
As atividades curriculares baseiam-se fundamentalmente em livros texto e exercícios.	As atividades baseiam-se em fontes primárias de dados e materiais manipuláveis.
Os estudantes são vistos como <i>tabulas rasas</i> sobre as quais a informação é impressa	Os estudantes são vistos como pensadores com teorias emergentes sobre o mundo
Os professores geralmente comportam-se de uma maneira didaticamente adequada, disseminando informações aos estudantes ["Um sábio sobre o palco"]	Os professores geralmente comportam-se de maneira interativa, mediante o ambiente para estudantes. ["Um guia ao lado"]
O professor busca as respostas corretas para validar a aprendizagem	O professor busca os pontos de vista dos estudantes para entender seus conceitos presentes para uso nas lições subsequentes.
Avaliação da aprendizagem é vista como separada do ensino e ocorre, quase que totalmente, através de testes	Avaliação da aprendizagem está interligada ao ensino e ocorre através da observação do professor sobre o trabalho dos estudantes
Estudantes trabalham fundamentalmente sozinhos	Estudantes trabalham fundamentalmente em grupos

Fonte:

http://www.robertexto.com/archivo5/teoria_construtivista.htm/

5.3.2 Influência do construtivismo nas diversas áreas do conhecimento

Por suas proposições, o construtivismo tem influenciado de forma positiva no desenvolvimento de uma nova concepção de homem na psicologia.

Em outras áreas do conhecimento, embora não diretamente ligadas ao construtivismo como proposto por Emília Ferreiro, pode-se notar diferentes correntes de pensamento, tais como na matemática, ciências sociais, filosofia, arte e ciência política.

PARA SABER MAIS

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Construtivismo_\(pedagogia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Construtivismo_(pedagogia))

<http://www.escolamodelodograjau.com.br/chat/construtivismo.html>

ATIVIDADE 13

01. Descreva o que você entendeu acerca do construtivismo.
02. Avaliando o construtivismo, discuta sobre a sala de aula construtivista e a sala de aula tradicional.
03. Reveja os principais aspectos da teoria de Jean Piaget.
04. Assista ao vídeo sobre construtivismo no endereço:
<http://www.educacert.com.br/http://www.educacert.com.br/> - Lino de Macedo